

QUANDO OS NEOLOGISMOS CRIAM LAÇOS SOCIOLINGUÍSTICOS:
investigação sobre o uso do neologismo pelos *blogueiros* políticos
maranhenses

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
MESTRADO ACADÊMICO

RENATO GOMES DOS SANTOS

QUANDO OS NEOLOGISMOS CRIAM LAÇOS SOCIOLINGÜÍSTICOS:
investigação sobre o uso do neologismo pelos *blogueiros* políticos
maranhenses

São Luís
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
MESTRADO ACADÊMICO

RENATO GOMES DOS SANTOS

QUANDO OS NEOLOGISMOS CRIAM LAÇOS SOCIOLINGÜÍSTICOS:
investigação sobre o uso do neologismo pelos *blogueiros* políticos
maranhenses

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PG-Letras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria C. P. Mugschl.

São Luís
2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

GOMES DOS SANTOS, RENATO.

QUANDO OS NEOLOGISMOS CRIAM LAÇOS SOCIOLINGUÍSTICOS: :
investigação sobre o uso do neologismo pelos blogueiros
políticos maranhenses / RENATO GOMES DOS SANTOS. - 2017.
118 f.

Orientador(a): SONIA MARIA CORREA PEREIRA MUGSCHL.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS,
2017.

1. BLOG POLÍTICO MARANHENSE. 2. COMUNIDADE DE
PRÁTICA. 3. NEOLOGIA. 4. NEOLOGISMO. 5. PRÁTICA
SOCIOESTILÍSTICA. I. MARIA CORREA PEREIRA MUGSCHL, SONIA.
II. Título.

RENATO GOMES DOS SANTOS

QUANDO OS NEOLOGISMOS CRIAM LAÇOS SOCIOLINGÜÍSTICOS:
investigação sobre o uso do neologismo pelos *blogueiros* políticos
maranhenses

BANCA EXAMINADORA

Membros titulares

Profa. Dra. Sonia Maria C. P. Mugschl
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Orientadora/Presidente

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Examinador interno

Profa. Dra. Ieda Maria Alves
Universidade de São Paulo (USP)
Examinador externo

Profa. Dra. Maria José Nélo
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Membro suplente

São Luís, 22 de dezembro de 2017

À minha inspiradora, Eliane Galvão.
Embora não esteja mais nesse ambiente efêmero,
continuam eternizados
seus conselhos, sua filosofia, sua alegria
na minha consciência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida, por ter me ajudado a manter a fé nos momentos mais difíceis, por ter mostrado os caminhos certos nas horas incertas e me suprir em todas as minhas necessidades.

À minha mãe, Rosa Gomes, que não mediu esforço para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Compartilhou o meu ideal e me incentivou a prosseguir na minha jornada.

À minha namorada, Dayane Pinto, que entendeu a importância desta pesquisa acadêmica para a minha formação e compreendeu, em momentos, as minhas ausências em eventos excepcionais. Agradeço pelo seu amor, seu apoio, pela sua confiança e sua companhia.

Meu agradecimento especial à minha querida orientadora Profa. Dra. Sonia Almeida (Sonia M. C. P. Mugschl) que me ensinou a trilhar pelo caminho da investigação científica. Incentivou-me nos momentos mais difusos da minha pesquisa, mostrou-me a clareza para que eu pudesse vislumbrar, nesse caminho, o meu objeto. Orientou-me a usar a bússola da fundamentação teórica e quando eu estava no caminho da acomodação, questionou-me, provocou-me, instigou-me, a fim de que eu sentisse o desejo de me aventurar no léxico da comunidade de prática dos *blogueiros* políticos do Maranhão. Obrigado por me ensinar a desaprender para eu poder reaprender a rota que me levou à satisfação de ser um pesquisador. Nesse percurso, descobri que devanear não prescinde de conceito e conteúdo, mas os torna imprescindíveis. Sou grato por você ter compartilhado, nas nossas reuniões, sua experiência, suas leituras, suas reflexões que contribuíram para a minha formação.

À profa. Dra. Conceição Ramos que contribuiu imensuravelmente com a minha pesquisa, sugerindo leituras, fazendo questionamentos nas disciplinas que ela lecionou, os quais me fizeram refletir. Obrigado por ter apontando, assim como minha orientadora, caminhos possíveis de investigação. Obrigado, também, por ter acreditado em mim e no meu projeto.

À profa. Dra. Andréa Lobato, por ter aceito o convite para participar da banca de qualificação e por ter indicado algumas sugestões que melhoram a minha dissertação.

À profa. Dra. Maria José Nélo, por ter feito parte da minha vida acadêmica e por ter contribuído para a minha formação. Agradeço, ainda, por ter me proporcionado, quando eu era graduando, o acesso ao universo das investigações científicas, da pesquisa de iniciação científica.

À profa. Dra. Ieda Alves, que aceitou a participar da banca de defesa desta dissertação. Por ter sido acessível em todos os momentos que eu enviei *e-mails* para pedir extrator de neologismos e as indicações de leituras sobre o objeto desta investigação. Obrigado por ter sido sempre prestativa e acolhedora com suas palavras.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, em especial, aos professores Veraluce da Silva Lima, José de Ribamar Mendes Bezerra, Marize Barros Rocha Aranha, Maria da Graça dos Santos Faria e Nayara Sales Araújo Santos que contribuíram em discussões nas disciplinas do PPGL, nas apresentações nos seminários de pesquisa e em conversas informais na UFMA.

Aos meus colegas do PPGL, em especial Carol Coelho, Ana Lourdes, Elisiane Araújo, Walquíria Dias e Max Hemyliano, pelas proveitosas sugestões e debates que tínhamos, por terem ouvido os meus desabafos; presenciado e respeitado as minhas ansiedades e, muitas vezes, o meu silêncio.

À minha amiga e colega de trabalho Ana Paula Avelar, por ter lido com carinho a minha dissertação e por ter feito uma revisão ímpar. Dentre vários amigos, escolhi você para fazer esse árduo trabalho, por saber que também tem amor às palavras.

À minha querida amiga e professora de francês, Janette Carvalho, por ser essa pessoa alegre, gentil, doce. Agradeço a Deus por ter conhecido você.

Entender um simples poema, por exemplo, não se cifra somente em entender as várias palavras em sua significação usual, mas na compreensão plena de toda a vida da comunidade, tal como ela se espelha nas palavras ou as palavras a sugerem em surdina. Até os atos de percepção aparentemente simples estão, muito mais do que se poderia supor, à mercê desses padrões sociais que se chamam palavras. [...] Os hábitos linguísticos de nossa comunidade predisõem certas escolhas de interpretação.

Edward Sapir

QUANDO OS NEOLOGISMOS CRIAM LAÇOS SOCIOLINGÜÍSTICOS:
investigação sobre o uso do neologismo pelos *blogueiros* políticos
maranhenses

O objetivo desta investigação de mestrado é refletir sobre o uso dos neologismos no *blog* maranhense de cunho político, analisando-o como manifestação linguística de uma *comunidade de prática*. Para fundamentar a nossa pesquisa, ancoramo-nos, fundamentalmente, em autores representativos que trouxeram contribuições sobre o léxico, como Bidermam (2001); sobre a competência linguística e a competência lexical, como Basílio (1991, 2013) e Sandmann (1991); sobre morfologia derivacional, Rocha (2008) e Rosa (2011); sobre neologia e neologismo, Guilbert (1975); Boulanger (1979); Alves (2002); Carvalho (1984, 2009, 2012); Barbosa (2001); sobre a comunidade de fala, Labov, (2008[1972]), sobre a *comunidade de prática*, Eckert-Ginet (2010); Eckert (2000). Como fonte de extração dos nossos dados, selecionamos como *corpus* quatro *blogs* maranhenses que tratam de política, para analisarmos as publicações feitas entre julho e setembro de 2016, período pré-eleitoral de candidatos a cargos municipais. A metodologia empregada para identificar o caráter neológico foi o *critério psicológico* e o *critério lexicográfico* (BOULANGER, 1979) e (CABRÉ, 1993). Quanto ao *corpus de exclusão*, selecionamos três dicionários de grande representatividade: Aurélio (versão eletrônica), Houaiss (versão eletrônica) e Michaelis (versão digital). As hipóteses pelas quais caminhamos para o resultado final são as seguintes: os *blogueiros* que tratam de política maranhense constituem uma comunidade de prática, porque (i) têm interesses comunicativos semelhantes; (ii) tratam da mesma temática; (iii) discutem os mesmos conflitos; (iv) referem-se aos mesmos personagens; (v) inferem de forma semelhante; (vi) usam quase os mesmos neologismos; (vii) produzem quase sempre os mesmos efeitos de sentido. Por meio desta investigação, foi possível perceber que há consequências sociolinguísticas e socioestilísticas para os usos linguísticos de uma comunidade, tudo isso originado, a partir da problematização desta pesquisa, pela qual pretendemos responder se o neologismo chega a constituir um laço estilístico entre os *blogueiros*, a ponto de ser uma das marcas dessa *comunidade de prática*.

Palavras-chave: Neologia. Neologismo. Comunidade de prática. Prática socioestilística. *Blog* Político Maranhense.

QUAND LES NÉOLOGISMES ONT PRODUIT DES LIAISONS SOCIOLINGUISTIQUES: la recherche sur l'utilisation du néologisme par les blogueurs politiques du Maranhão

Le but de ce master est de réfléchir sur l'utilisation des néologismes dans le blog du Maranhão. Dans ce blog politique sont publiées des idées politiques qui s'analysent comme des expressions linguistiques d'une communauté de pratique. Pour déterminer notre recherche, nous nous basons fondamentalement sur des auteurs représentatifs qui ont contribué au lexique, comme Bidermam (2001) ; sur la compétence linguistique et la compétence lexicale, comme Basílio (1991, 2013) et Sandmann (1991) ; sur la morphologie dérivationnelle, Rocha (2008) et Rosa (2011); sur la néologie et le néologisme, Guilbert (1975); Boulanger (1979); Alves (2002); Carvalho (1984, 2009, 2012); Barbosa (2001); sur la communauté linguistique, Labov, (2008 [1972]), sur la communauté de pratique, EckertGinet (2010); Eckert (2000). Pour l'extraction de notre source de données, nous avons sélectionné, en tant que corpus Maranhenses, quatre blogs qui traitent de la politique, nous voulons analyser les publications faites entre Juillet et Septembre 2016, avant les élections des candidats pour les bureaux municipaux. La méthodologie que nous utiliserons pour identifier le caractère néologique a été le critère psychologique et le critère lexicographique (BOULANGER, 1979) et (CABRÉ, 1993). En ce qui concerne le corpus d'exclusion, nous avons sélectionné trois dictionnaires très représentatifs: Aurélio (version électronique), Houaiss (version électronique) et Michaelis (version numérique). Les hypothèses qui ont marché au résultat final sont les suivants: les blogueurs qui traitent la politique Maranhão en tant que communauté de la pratique, parce que nous avons des intérêts similaires de communication traitent du même sujet; nous discutons des mêmes conflits; nous nous référons aux mêmes caractères; nous déduisons de la même manière; (vi) utiliser presque les mêmes néologismes; (vii) produisent presque toujours les mêmes effets de sens. Grâce à cette recherche, il a été révélé qu'il y a des conséquences sociolinguistique et pour des usages linguistiques d'une communauté, tous provenaient de la remise en cause de cette recherche, dont nous avons l'intention de répondre au néologisme vient de constituer un lien stylistique entre blogueurs, au point d'être l'une des marques de cette communauté de pratique.

Mots-clés: Néologie. Néologisme Communauté de pratique. Pratique socio-statique. Blog Politicien Maranhense.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Neologismo Sarneyzou.....	72
Figura 02 – Neologismo Sarneyzou.....	73
Figura 03 – Neologismo Sarneisista.....	75
Figura 04 – Neologismo Sarneysista.....	76
Figura 05 – Neologismo Roseanista.....	77
Figura 06 – Neologismo Holandinha.....	78
Figura 07 – Neologismo Holandinha.....	79
Figura 08 – Neologismo Sarnopetista.....	80
Figura 09 – Neologismo Candidato-banheiro.....	82
Figura 10 – Neologismo áudio-bomba.....	84
Figura 11 – Neologismo Caostelo.....	85
Figura 12 – Neologismo WC.....	86
Figura 13 – Neologismo WC.....	87
Figura 14 – Neologismo W sem C.....	88
Figura 15 – Neologismo Geladinho.....	92
Figura 16 – Neologismo Candidato-banheiro.....	94
Figura 17 – Neologismo áudio-bomba.....	95
Figura 18 – Neologismo Asa de avião.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 01	19
1 O FALANTE MOVIMENTA O LÉXICO	19
1.1 Comunidade de fala: um parâmetro teórico	22
1.2 A língua em movimento	26
1.2.1 Potencialidade e produtividade: uma relação dinâmica	30
1.2.2 O léxico em processo	32
CAPÍTULO 02	35
2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	35
2.1 O objeto	35
2.2 Delimitação do <i>corpus</i>	37
2.3 Justificativa do tema	38
2.4 Objetivos	39
2.4.1 Objetivo geral	39
2.4.2 Objetivos específicos	39
2.5 Hipóteses	39
2.6 Critérios para identificação de neologismo	40
2.6.1 A escolha do <i>corpus</i> de exclusão	42
2.6.2 A escolha da fonte de extração	43
2.7 De candidatos a neologismos	44
2.7.1 A ficha de descrição neológica	45
CAPÍTULO 03	48
3 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA	48
3.1 Do neologismo	48
3.1.1 Tipos de neologismo	53
3.2 Da comunidade de prática	57
3.3 Dos efeitos socioestilísticos	61
3.3.1 Função de rotulação	62
3.3.2 Função atitudinal	64
3.3.2.1 Sobre os efeitos de sentido como categorias de análise	65
CAPÍTULO 04	68
4 A PESQUISA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	68

4.1 Neologismos formais	69
4.1.1 Fichas de descrição dos neologismos formais por processos de derivação.....	70
4.1.2 Fichas de descrição dos neologismos formais por processo de composição	78
4.1.3 Fichas de descrição dos neologismos formais por processos “marginais” 82	
4.2 Neologismos semânticos	87
4.2.1 Fichas de descrição dos neologismos por processo metafórico.....	89
CAPÍTULO 05	95
5 CONSEQUÊNCIAS SOCIOESTILÍSTICAS DO USO DE NEOLOGISMO NOS BLOGS POLÍTICOS MARANHENSES	95
5.1 Sobre os neologismos.....	95
5.2 Sobre blogs e blogueiros políticos do Maranhão	98
CAPÍTULO 06	100
6 O NEOLOGISMO COMO LAÇO SOCIOLINGUÍSTICO	100
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

Esta dissertação toma como objeto de investigação alguns neologismos que são usados nos *blogs* políticos maranhenses. Queremos responder se os blogueiros políticos maranhenses constituem uma comunidade de prática, e tomaremos o caminho da descrição linguística dos *blogs* em busca de neologismos para saber também se são traços socioestilísticos marcantes desse grupo de falantes que supomos constituir uma comunidade.

Além disso, entendemos que há um conhecimento científico bem fundamentado e sistematizado para estudar o neologismo, enquanto abstração do objeto. Mas indo para além desse jogo linguístico, pretendemos produzir conhecimento sobre a comunidade de prática dos *blogueiros* políticos maranhenses, analisando este fato linguístico, visto sob o parâmetro social. Entretanto, ao selecionarmos o *corpus*, neste caso quatro *blogs*, que tratam de política, e, ao analisarmos os neologismos ocorrentes em tais ambientes virtuais, pelo viés dos saberes sobre a inovação lexical, estamos lendo um objeto que não é mais um conceito, mas um material linguístico maranhense, visto que os dados fazem parte de textos escritos no Maranhão.

A partir da pergunta central desta dissertação – o uso dos neologismos pelos *blogueiros* políticos maranhenses é marca do estilo de uma comunidade de prática? - discutiremos outras problematizações que surgiram nos momentos de leituras sobre o objeto-conceitual¹ e a coleta do objeto-real no *corpus* selecionado. Perguntas tais como: quais os processos de formação mais frequentes dos neologismos encontrados nos *blogs* políticos maranhenses? Há determinações sociais sinalizadas nos processos sistemáticos mais frequentes da construção neológica encontrada nos *blogs* políticos maranhenses? Há relação entre os processos de formação dos neologismos presentes nos *blogs* e o nível de linguagem próprio desta comunidade de prática? Os blogueiros constituem uma comunidade de fala (LABOV, 2008[1972]) ou uma comunidade de prática (ECKERT, 2000)?

¹ Entendemos objeto-conceitual, nesta pesquisa, como o conceito para fazer a leitura, descrição e análise dos dados, aqui chamado de objeto-real, neste caso, os neologismos.

Essas perguntas nos direcionaram a fundamentar a leitura e a análise dos dados selecionados pela perspectiva sociolinguística. Teoria da Variação e Mudança de Labov (2008[1972]) que reconhece a comunidade de fala como objeto de estudo da Sociolinguística e que correlaciona o estudo dos aspectos de língua com os aspectos sociais, chegando pelo avanço das leituras, ao conceito de comunidade de prática (ECKERT, 2000), mais restrito e mais favorável à análise dos dados.

Sobre a relação de língua e sociedade, Carvalho (2012, p. 171) diz que “a língua é um fato social, concretizando uma maneira peculiar de ver o mundo de cada comunidade”. Assim, entendemos que a descrição e a análise dos dados devem ser feitas pelo âmbito sociolinguístico, que considera não só a estrutura do neologismo, como processo linguístico formal e semântico, mas também a sua implicatura quanto ao seu uso em um ambiente linguístico virtual, o *blog*, que trata da política maranhense.

Consideramos curioso o uso de neologismos que circulam entre este grupo de forma similar, supostamente reconhecidos como um processo de identificação, como uma possível marca estilística, além da similaridade temática. Essas ocorrências constituíram, a princípio, uma hesitação diante dos fatos de os blogueiros constituírem uma comunidade de fala ou uma comunidade de prática. Essa escolha foi feita no decorrer da pesquisa.

Antes de fazer parte deste Programa de Pós-Graduação, ainda no projeto, ao propor investigar sobre os neologismos, já tínhamos decidido que o *corpus* seria constituído de *blog*, inicialmente o *blog* pessoal. Posteriormente, definimos que o *corpus* seria o *blog* político, por compreendermos que os movimentos sociais que estamos vivenciando, na política brasileira, possivelmente propiciariam a formação de novas palavras.

O que nos impulsionou a tomar tal decisão de escolha do *corpus* foi a linguagem que é usada no *blog*, por ser, ao nosso entender, uma linguagem dinâmica, espontânea e híbrida (OLIVEIRA, 2013), pois apresenta, em seu estilo², a sua heterogênea identidade pessoal.

² Estamos considerando estilo, nesta dissertação, como “modo de construção de identidade”, tal como está em Eckert (2000). Trataremos como mais detalhe desse conceito no capítulo 3 – ORIENTAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA.

Fizemos, também, um levantamento de pesquisas³ já realizadas nesta área de interesse. Encontramos duas pesquisas significativas que investigavam neologismos presentes em *blogs*: uma com abordagem morfológica, focalizando os casos de prefixação de novas palavras no português brasileiro contemporâneo (GANANÇA, 2017); outra, com abordagem estritamente sociolinguística, embasada na Teoria da Variação e Mudança de Labov, que tem como focalização analisar os perfis ideológicos políticos de esquerda ou de direita (ROMERO, 2017).

No caso desta dissertação, existe uma correlação entre o que o *blogueiro* escreve, sobre qual temática situa, com que estilo diz e se esse estilo se configura pela presença do neologismo. Ou seja, há uma procura por saber o que um *blogueiro* diz e os outros também dizem, e em que um estilo individual está atravessado por características similares de outros estilos de *blogueiros*, fato linguístico que provoca uma unidade estilística suficiente para que haja laços linguísticos constituintes de uma comunidade de prática.

Esta pesquisa de mestrado está organizada em seis capítulos que abarcam a fundamentação teórica e metodológica ancorada nos seguintes autores: Bidermam, 2001; Basílio, 1991, 2013; Sandmann, 1991; Rocha, 2008[1998]; Rosa, 2011; Guilbert, 1975; Boulanger, 1979; Alves, 2002; Carvalho, 1984, 2009, 2012b; Labov, 2008[1972]; Eckert, 2000, 2010, 2012.

No capítulo 1, intitulado O FALANTE MOVIMENTA O LÉXICO, apresentaremos a concepção de comunidade de fala (LABOV, 2008[1978]), por reconhecer que é o indivíduo que movimenta o léxico, visto que ele está inserido em um universo social, o qual está vulnerável à mudança. Apresentaremos, também, a concepção de léxico que fundamenta esta pesquisa, tendo em vista que há várias formas de compreendê-lo e nem sempre elas convergem. Reconhecemos que o falante age sobre as possibilidades de formação de palavras e que essa atitude marca sua comunidade.

No capítulo 2, intitulado PROCEDIMENTOS DA PESQUISA, descrevemos os objetivos norteadores da nossa pesquisa, assim também como as hipóteses formuladas; mostramos a constituição do nosso objeto e a

³ Na época em que eu mantive contatos com os autores que eram mestrandos, as duas dissertações ainda não haviam sido concluídas.

justificativa de seu estudo para a área da lexicologia e da sociolinguística. Além disso, explicitamos o critério de identificação do neologismo (CABRÉ, 2003), especificando o *corpus de exclusão* e a *fonte de extração*. E, por fim, detalharemos como organizamos a ficha de descrição neológica com os campos, necessários para a descrição dos neologismos da referida pesquisa de mestrado.

O capítulo 3 - ORIENTAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA - foi subdividido em três itens:

3.1 Do neologismo – Discutiremos, aqui, sobre os conceitos essenciais que fundamentarão o estudo na área da inovação lexical. Mostraremos as concepções de neologia e de neologismos, subsidiados pelas ideias dos pesquisadores de autoridade na referida temática. Apresentaremos, ainda, os tipos de neologismos (BOULANGER, 1979) que iremos descrever e analisar nesta investigação.

3.2 Da comunidade de prática - Trataremos, ainda, do conceito de comunidade de prática, por reconhecer os *blogueiros* como um grupo social que têm interesses em comum e que trazem semelhanças estilísticas. Assim, propomo-nos a responder, apoiados na vertente variacionista, chamada de terceira onda, se o uso dos neologismos pelos *blogueiros* constitui traço linguístico marcante de um estilo, capaz de criar laço próprio de uma comunidade prática.

3.3 Dos efeitos estilísticos – Discutiremos sobre a função de rotulação e a função atitudinal (BASÍLIO, 1991 ROCHA, 2008[1988]; GONÇALVES, 2016) como efeito de sentido de um estilo marcado pelo uso de neologismo.

No capítulo 4 - A PESQUISA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS - Descreveremos e analisaremos os dados subsidiados pela fundamentação teórica já mencionada. Este capítulo se propõe a analisar os efeitos de sentido produzidos pelo uso dos neologismos encontrados nos blogs políticos maranhenses, como uma das marcas linguísticas regulares próprias de uma comunidade de prática.

O capítulo 5 – CONSEQUÊNCIAS ESTILÍSTICAS DO USO DE NEOLOGISMO NOS *BLOGS* POLÍTICOS MARANHENSES – é o lugar da dissertação onde produziremos inferências sobre as consequências

sociolinguísticas do uso dos neologismos pelos *blogueiros*. Apresentaremos a descrição não mais de neologismos, mas de sua regularidade formal e/ou semântica nos *blogs* políticos maranhenses e suas consequências estilísticas.

O capítulo 6 – O NEOLOGISMO COMO LAÇO SOCIOLINGUÍSTICO - é o espaço onde faremos uma exposição de forma mais livre sobre a linguagem maranhense nos *blogs* políticos, ampliando as possibilidades de o falante de uma língua avançar para a expressão como reflexo social e o faremos a partir da metáfora do laço sociolinguístico.

CAPÍTULO 01

Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 178).

1 O FALANTE MOVIMENTA O LÉXICO

Tendo em vista que o léxico é o objeto mais geral desta investigação que contém o neologismo, processo morfológico e semântico de criação de palavras novas na língua, consideramos que este é um conceito fundamental desta dissertação. Em função disso, esclarecemos que existem várias formas de considerar o léxico e selecionamos, em nossa pesquisa, não apenas aquela que se refere ao conjunto virtual de uma língua que armazena unidades lexicais em desuso, ditas arcaicas de visão filológica; nem aquelas unidades lexicais em uso, incluindo as mínimas e as já formadas, próprias da ótica linguística, nem as unidades lexicais em potência do aspecto sistemático, mas aquelas que, por meios de processos de formação de palavras, são possíveis de serem lidas numa perspectiva sociolinguística, levando em consideração o uso como reflexo de uma comunidade.

Optamos por esta concepção de léxico para fundamentar a nossa pesquisa, visto que ela envolve não só o aspecto linguístico, mas também o aspecto sócio-histórico-cultural, pois acreditamos que as mudanças que acontecem na língua estão intrinsecamente ligadas à sociedade, conforme podemos ler na Teoria da Variação e Mudança de Labov.

Nessa direção, decidimos pela visão teórica de Biderman que compreende o léxico em uma perspectiva mais ampla, pois a pesquisadora refere-se não só ao universo das palavras, mas ao universo social, pois nele estão a cultura, a crença, a experiência social. Segundo a autora,

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência

acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Dessa forma, entendemos que o léxico representa a realidade social e mental da comunidade a qual é situada historicamente e culturalmente, por meio das unidades lexicais reais ou potenciais. Isso significa que as mudanças sociais sempre interferiram e continuam a interferir na evolução do léxico, assim como hoje tem acontecido com o avanço na ciência e na tecnologia. Os diferentes modos de viver e conviver com os outros indivíduos; as variadas crises no decorrer da história, desde a econômica à cívica, interferem diretamente no léxico. Por essa razão, não podemos compreender o ambiente lexical dissociado de contextos que remetam à história e à cultura de um povo (MATORÉ, 1953).

Sobre esta questão, as pesquisadoras Ana Maria Oliveira e Aparecida Isquerdo afirmam que

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura. (ISQUERDO; OLIVEIRA, 2001, p. 09).

Acrescentamos, ainda, que o léxico é a janela para ver como a comunidade vê o mundo, e a *comunidade* também é uma janela para analisar como os participantes se posicionam no mundo por meio do léxico. Assim

sendo, entendemos que o léxico mostra a história, a cultura, os pensamentos, as ideias, os costumes, as experiências, os vícios de uma *comunidade*. Ele é um ambiente que está sempre em expansão, aberto às mudanças que acontecem no mundo, as quais interferem na evolução lexical.

Também, por meio do léxico, a língua é dinâmica e processual, isto é, tende à transformação e acompanha as práticas sociais. Assim, as mudanças que acontecem na língua são consequências sociolinguísticas, que se dão de forma organizada e sistematizada (LABOV, 2008[1972]). Essas consequências geram outras consequências, porque vão se configurar como laços linguísticos de um grupo social que se identificam por meio, também, de semelhanças na escolha de determinados usos.

Todas as unidades lexicais neológicas, que vão surgindo, para exercer alguma função social em alguma comunidade, obedecem à regularidade do sistema linguístico e se cruzam para constituir o estilo entre os pares.

Sobre o movimento da língua, o qual faz o léxico se expandir, a lexicógrafa Biderman infere que

Como a língua está em perpétuo movimento, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente, sobretudo no léxico, visto que essa é a parte do sistema linguístico mais suscetível a mudanças por constituir um conjunto aberto. (BIDERMAN, 1999, p. 96).

Dessa forma, compreendemos que a formação de novas unidades lexicais é uma atividade natural que acontece em qualquer língua, visto que o léxico é um sistema aberto, vulnerável a mudanças, e o falante está sempre exercendo atividade de formar novas palavras. Ainda sobre o movimento do léxico, a professora Biderman afirma que

Embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre o Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. (BIDERMAN, 2001, p.178).

Dessa concepção, entendemos que o falante é um agente que movimenta o léxico com a função de inovação, manutenção e conservação. Assim sendo, o léxico é herança cultural da comunidade, pois nele se armazena todo o saber cultural de um grupo sociolinguístico.

Sendo o léxico vulnerável a modificações, já que recebe interferências extralinguísticas⁴, a sua renovação é uma atividade inevitável que exerce também uma função social, não apenas linguística, tendo em vista que a realidade social intervém na língua. Diante disso, deduzimos que a comunidade utiliza a língua não apenas como um instrumento de comunicação, mas também como materialização do pertencimento social que a difere de outra comunidade, por meio de expressões e atitudes linguísticas (CALVET, 2002).

1.1 Comunidade de fala: um parâmetro teórico

Já discutimos, no tópico anterior, que a mudança, a inovação e/ou a renovação do léxico são inerentes à língua e acontecem por influência de fatores internos e externos a ela. Pretendemos, neste subtópico, enfatizar que, na comunidade, a evolução/mudança e a variação acontecem e essas ações corroboram para a expansão lexical. Pois o agente de onde parte a ação é o falante, e acreditamos que essa visão não o dilui em meio abrangência da comunidade a que pertence. Por isso, optamos a partir de agora pelo conceito de comunidade de prática que recupera o lugar do falante, como situa Eckert (2000), e, no caso específico desta dissertação, possibilitou-nos recuperar também a responsabilidade dos *blogueiros* e não do *blog*.

Entretanto, discutimos esta escolha, com base no conceito de comunidade de fala tal como está em Labov (2008[1978]). Iremos apresentar alguns conceitos subsidiados por estudiosos de referência no referido assunto, como: Bloomfield (1926), Labov (2008[1972]), Guy (2001).

O primeiro conceito de comunidade de fala foi dado pelo linguista Bloomfield. Para ele, a comunidade de fala “é um grupo de pessoas que interage por meio da fala” (BLOOMFIELD, 1926, p. 42). Observamos que esse conceito é muito amplo e simples.

Para Labov (2008[1972], p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas;

⁴ Não queremos nesta dissertação defender que apenas os fatores externos à língua são propulsores da renovação lexical. No entanto, como o objetivo principal desta investigação é fazer uma leitura sociolinguística do uso dos neologismos ocorrentes nos *blogs* maranhenses, focalizamos mais os aspectos sociais.

ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Partindo da concepção laboviana acerca da comunidade de fala, compreendemos, nesta dissertação, que o critério da definição de comunidade de fala não é o uso linguístico compartilhado entre os membros da comunidade e, sim, as atitudes e as normas que são compartilhadas entre os falantes da língua.

Assim, Labov (2008[1972]) compreende a língua como um fato social e que é na comunidade de fala que ela se manifesta. O autor afirma ainda que “vemos uma sociedade movendo-se rumo a uma diversidade linguística maior entre os subgrupos que estão em estreito contato e que, de fato, compartilham um conjunto comum de normas linguísticas”. (LABOV, 2008[1972], p. 188).

O estudioso acrescenta, ainda, que “os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real”. (LABOV, 2008[1972], p, 225). Assim sendo, notamos que Labov considera a comunidade de fala homogênea e uniforme⁵, já que ela se caracteriza pelas atitudes dos falantes em detrimento às regras e às formas linguísticas, que são heterogêneas e variáveis.

O sociolinguista Guy (2001) amplia a concepção laboviana de comunidade de fala. Segundo o referido autor, há três critérios que constituem a comunidade de fala: (i) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que são diferentes de outras comunidades; (ii) os falantes devem ter uma alta frequência de comunicação entre os membros da comunidade de fala; e (iii) os falantes devem ter as mesmas normas e atitudes linguísticas.

Assim sendo, podemos observar que as ideias de Guy não diferem das de Labov, se complementam. O autor considera que os falantes que fazem parte de uma comunidade de fala se diferenciam de outra comunidade por compartilhar os mesmos traços linguísticos, isto é, traços fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos.

⁵ Sobre esta questão, Vanin (2009) diz que “Labov garante homogeneidade no seu objeto de estudo – a comunidade de fala –, e não na língua, que é um sistema heterogêneo. Tanto é que o estudo desse autor sobre a centralização em /aw/ e /ay/ em Martha’s Vineyard (LABOV, 1972) é visto como tendo um significado social para os integrantes daquele local e, portanto, considerando aquela comunidade de maneira uniforme” (2009, p. 148). No entanto, há autores que reconhecem a comunidade como heterogênea, como podemos conferir em Romaine (1980), Gumperz (1996) e Milroy (2004).

Segundo o autor, os indivíduos que participam de uma comunidade interagem mais entre eles, se comparados às relações com outras comunidades. Esse conceito é confirmado nos estudos feitos pela linguista Vanin (2009, p. 148) que diz: “uma comunidade de fala é formada por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se mais entre si do que outros e partilham normas e atitudes diante do uso da linguagem”.

Postas essas colocações, compreendemos, assim, que o conceito de comunidade de fala envolve questões sociais e também linguísticas, uma vez que envolve normas sociais e atitudes linguísticas que são compartilhadas pelos falantes pertencentes a uma comunidade. Para Pilla (2002, p. 75), “a norma social se manifesta através de uma pressão supraindividual, exercida, em última análise, pela comunidade falante como sujeito da internalização de um amplo contexto linguístico materializado pela gramática de uma língua”.

Pilla enfatiza ainda que

A eficácia da norma social para julgar a aceitabilidade ou não de uma expressão linguística varia em relação à sintaxe ou ao léxico. A competência linguística da média dos falantes não é a mesma para a sintaxe gramatical e a sintaxe lexical. Aí reside uma das dificuldades quanto ao uso e à aceitação de uma nova unidade lexical. O falante reconhece mais facilmente frases do que palavras malformadas, porque ele domina melhor os processos gramaticais do que os lexicais. (PILLA, 2002, p. 76).

Segundo a autora, o processo de aceitabilidade da formação de uma palavra, principalmente se esse processo de formação for considerado “marginal” pelos falantes, isto é, se a formação for anômala ao que é apresentado pela gramática tradicional, tende a não ser o mesmo, como acontece com o processo de aceitabilidade de uma construção frasal, por exemplo.

Nessa perspectiva, compreendemos que a norma social contrai alguns processos de formação de palavras; por esse motivo, acreditamos que alguns neologismos têm como formação, *a esporádica* (BAUER, 1983), em outras palavras, a unidade lexical movimenta-se do sistema potencial da língua para o sistema real por tempo determinado, pois, por não ser *institucionalizada*

(BAUER, 1993), tende a desaparecer, visto que não se sedimenta pela comunidade.

Ainda sobre a norma social, Pilla (2002, p. 75) infere que ela “determina as convivências para um bom desempenho comunicacional entre os falantes, também zela pela permanência dos signos bem-formados, os quais acabam-se materializando como entrada lexicais”.

Sobre as normas sociais, entendemos que os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade compartilham entre si as mesmas normas sociais que lhes condicionam a ter certas atitudes linguísticas, que os caracterizariam, identificando-os como uma comunidade. Sobre isso, Tarallo (1985, p.14) entende que “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”.

Assim, chegamos a dizer que, por meio das atitudes linguísticas, o indivíduo denuncia a qual comunidade ele pertence, pois, cada atitude linguística assumida pelo indivíduo implica um comportamento social, uma ideologia, um perfil de uma comunidade.

Para Labov (2008[1972], p. 176), as atitudes linguísticas resumem “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”.

Nesta investigação de mestrado, chegamos a considerar os *blogueiros* como uma comunidade de fala, por entender até certo ponto que os indivíduos pertencentes a essa comunidade compartilham normas e atitudes linguísticas similares entre si, entretanto, sabemos que essa definição dada pela vertente variacionista laboviana é generalizada e idealizada (CAMACHO, 2013).

Não pretendemos, nesta dissertação, negar as considerações dadas pela vertente laboviana, no entanto a focalização do nosso trabalho não será a norma e a atitude linguística, e sim os traços linguísticos similares que a comunidade dos *blogueiros* usa entre si e que se identifica por ter algum interesse em comum. Desta forma, como a focalização é a identificação desse grupo social pela prática socioestilística, fizemos a leitura do objeto por outra vertente sociolinguística.

Ao chegarmos neste momento da pesquisa, questionamos o lugar do falante no movimento da língua e na formação dos neologismos. Questionamos também a passividade do falante diante da comunidade e a soberania da comunidade sobre o falante. Sabendo que é uma resposta que nos obriga a entender que até determinado ponto há uma via de mão dupla, ou seja, reconhecemos que falar da comunidade de blogueiros seria uma abstração que nos distanciaria da concretude da análise linguística, cujos dados se manifestam não pela noção abstrata de comunidade, mas pela visão concreta do falante que é o blogueiro, cada um traz um estilo heterogêneo e plural dos diferentes grupos sociais a que pertence e a marca linguística similar que compartilha é o que cria o laço estilístico com consequências sociolinguísticas.

Pensando assim, sem negar o valor do conceito de comunidade de fala, optamos por comunidade de prática, conceito que será discutido oportunamente nesta dissertação.

1.2 A língua em movimento

Entendemos a língua, nesta dissertação, em dois planos: real, no qual o vocábulo⁶, que é provido de significação lexical, já foi formado, podendo fazer parte do *vocabulário ativo* (de uso) ou *passivo*⁷ (de compreensão) da comunidade; ou, ainda, potencial, no qual o vocábulo lexical nunca foi formado e nem usado, mas já existe potencialmente, visto que há, no léxico, processos produtivos que asseguram as condições de produtividade sistemática. Assim, os vocábulos lexicais potenciais, isto é, aqueles possíveis na língua, quando formados e usados por uma comunidade, proporcionam movimento no léxico, já que não há nada que não esteja passível à mudança (SAPIR, 1969).

Mesmo que não percebamos, novas unidades lexicais são inseridas no nosso dia a dia, por diversas formas e meios, desde as conversas informais às formais; nos textos literários e nos textos não literários. A evolução lexical é o mecanismo que mantém a língua viva e se realiza de forma organizada. Basílio

⁶ ROSA, Carlota Maria. **Introdução à morfologia**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

⁷ Os termos *vocabulário ativo* e *passivo*, nesta dissertação, são usados conforme a concepção da linguista Nelly Carvalho (2012). O primeiro termo refere-se ao uso frequente de vocábulos por uma dada comunidade; já o segundo, não faz parte do uso da comunidade, no entanto, quando usado, ela compreende.

(1980, p.113) infere que “o léxico apresenta uma estrutura subjacente definida, sendo organizado de acordo com padrões de diferentes tipos [...]”, uma vez que o sistema linguístico dispõe de regras de formação de palavras (BASÍLIO, 1980) que possibilitam, a qualquer falante, formar novas unidades lexicais na sua língua nativa.

No que tange ao *sentimento de novidade*⁸ da unidade lexical, nem sempre é tão perceptível para a comunidade. Dessa forma, pressupomos que há neologismos que são mais transparentes e outros menos transparentes aos falantes.

Para exemplificar a questão de *sentimento de novidade*, vejamos essa chamada retirada do *corpus* da nossa pesquisa: “Operação ‘Vetores’: PF cumpre mandatos no MA contra crimes previdenciários⁹”. Em primeira instância, possivelmente, o falante pode reconhecer todas as palavras como termos cristalizados da língua, no entanto, ao analisar cautelosamente a carga semântica do termo ‘Vetores’, ele provavelmente chegará à conclusão de que tal termo está sendo expresso com um novo sentido, com uma nova acepção que não é convencional, a qual, certamente, ainda não está dicionarizada. O que nos faz entender que, embora essa palavra já esteja dicionarizada com outras definições, das quais nenhuma implica no referido contexto, ela é uma unidade lexical nova, pois o fenômeno linguístico neologismo não se restringe apenas à forma, mas também ao sentido.

Assim sendo, a unidade lexical ‘Vetores’¹⁰, caso de *neologismo semântico* (BOULANGER, 1979), foi usada para nomear um fato específico, fraudes que aconteciam no setor previdenciário. Embora a palavra ‘vetores’ já exista na língua portuguesa e, por isso, sua identificação enquanto neologismo não é tão transparente, foi empregada em uma acepção diferente das

⁸ Conceito formulado por Alan Rey (1976). O *sentimento de novidade*, segundo o referido autor, perdura entre o período de criação da unidade lexical, uso dela em situações de interação até a última etapa que é o momento, se for o caso, de entrada para o dicionário geral da língua em questão.

⁹ Disponível em <http://www.ma10.com.br/minard/2017/02/pf-cumpe-mandados-no-ma/>. Acesso em 21 de fev. de 2017.

¹⁰ No Aurélio, versão digital, encontramos o significado “segmento de reta orientado em que se distingue uma origem e uma extremidade”; já no dicionário Michaelis, também em versão digital, encontramos mais acepções, tais como “1 – segmento de reta orientado; 2 – elemento de um espaço vetorial; 3 – qualquer organismo que é capaz de transmitir um agente infeccioso (bactéria, parasita ou vírus); 4 – aeronave ou míssil que transporta uma carga explosiva nuclear”. No dicionário Houaiss, não conseguimos encontrar a referida unidade lexical, na versão eletrônica.

acepções que constam no dicionário, colaborando para renovação e expansão do léxico, que estamos aqui chamando de movimento da língua. Assim, compreendemos que, quando a unidade lexical passa a ter outra possibilidade de compreensão que não está contemplada nos dicionários gerais da nossa língua, estamos tratando de um neologismo semântico.

Entretanto, há outros neologismos na língua cujo *sentimento de novidade* é mais transparente ao falante, como os neologismos formais (BOULANGER, 1979 *apud* ALVES, 2012), que são produzidos a partir de uma necessidade social e, conseqüentemente, usados pela comunidade para exercer algumas funções como: (i) rotulação; (ii) adequação categorial; (iii) textual; (iv) atitudinal, conforme Gonçalves (2016).

Basílio (2004) especifica que cada língua tem suas regras de formação de palavras e o falante, por ter o conhecimento de sua língua materna, conhece tais regras que o fazem compreender: (i) a unidade lexical nova como pertencente ou não a sua língua; (ii) o mecanismo de formar as unidades lexicais novas; e, ainda, embora não saiba o significado da palavra, (iii) a estrutura mórfica da unidade lexical nova.

Assim sendo, compreendemos que, neste processo, o falante usa a *competência linguística*¹¹, em outras palavras, é ativada a capacidade cognitiva do falante para entender todo o processo morfológico de sua língua. Isso implica, ainda, que o falante nunca tenha falado e nem escutado anteriormente uma dada palavra, mesmo assim poderá dizer se esta pertence ou não a sua língua; outra questão interessante é o fato de qualquer falante nativo poder identificar se a unidade lexical é nova ou não a língua dele; e, além disso, conseguir, a partir de alguma necessidade social, formar novas palavras, uma vez que as regras de formação de palavras estão inseridas na *competência lexical*¹² do indivíduo (ROCHA, 2008[1998]).

Por esse motivo, o falante nunca mudaria a ordem categórica do morfema em uma estrutura mórfica, por exemplo, colocando um prefixo

¹¹ Fundamentamo-nos o conceito de competência linguística nos estudos do linguista Chomsky (1957), que reconhece esta competência como a capacidade cognitiva inata que o indivíduo tem de produzir e compreender sentenças, mesmo que o falante nunca tenha ouvido a frase gerada por ele.

¹² Rocha, baseado em algumas leituras de linguistas como Katanda (1993), acrescenta outro termo que difere de *competência linguística* que é a *competência lexical*. Esse último refere-se ao conhecimento que o falante tem não só das formas livres (FL), ditas palavras, mas também das formas presas (FP), ditas afixos, desinências etc.

posposto à base da palavra. Esse processo não seria possível, pois o indivíduo sabe que o sistema linguístico tem uma regularidade, o que reforça que, se fizesse tal combinação, não obedeceria às regras de formação de palavras, o que impossibilitaria a *institucionalização*¹³ da nova unidade lexical por uma comunidade (ROCHA, 2008[1998]).

Para Basílio (2004, p. 90), a *competência lexical* é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Nessa perspectiva, entendemos que é a competência lexical (CL) que regula o cumprimento das regras de formação de palavras das novas unidades lexicais, além de impedir formas que não estão previstas no léxico da língua. Sobre o mesmo conceito, Sandmann especifica que

A competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição. (SANDMANN, 1991, p. 23).

Sandmann (1991) apresenta a definição de competência lexical distinguindo duas atividades das quais qualquer falante pode fazer na sua língua vernácula¹⁴. A primeira remete à capacidade de reconhecer as unidades lexicais pertencentes a sua língua, e a segunda compete à capacidade de formar novas unidades lexicais, a partir de processos produtivos que o sistema disponibiliza. Assim, reforça que tal mecanismo mantém o léxico em uma dinâmica produtiva e inovadora. E é essa ideia que fundamenta a possibilidade de dizermos que é o falante que movimenta o léxico, a partir de uma potencialidade sistemática de que se apropria e internaliza.

¹³ Rocha, fundamentado nas leituras do linguista Bauer (1983), diz que o neologismo surge da *formação esporádica* (FE), que é criado pelo falante a partir das RFPs e que pode tornar-se uma *formação institucionalizada* (FI), quando passa a ser conhecido por uma comunidade de fala.

¹⁴ Empregamos, nesta pesquisa, o termo *vernáculo*, na concepção clássica da referida palavra, isto é, refere-se à língua materna. Não estamos nos referindo à terminologia ‘vernáculo’ da Sociolinguística, apresentada pelo linguista Labov como “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística” (LABOV, 2008[1972], p. 244).

1.2.1 Potencialidade e produtividade: uma relação dinâmica

É a potencialidade que mantém a renovação do léxico, visto que as regras de formação de palavras dão várias possibilidades de formar unidades lexicais novas. Por isso, falamos que existem infinitas palavras em potência, ou seja, palavras que ainda não foram formadas, mas potencialmente estão disponíveis no sistema da língua.

Assim sendo, o léxico é um campo em desenvolvimento contínuo; como Carvalho (2009, p. 32) afirma: “é como uma galáxia, que vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais da comunidade que a fala”. Essa potencialidade que há no léxico se verifica no sistema linguístico, pois sabemos que as novas unidades lexicais surgem a partir de processos já existentes. Sobre essa questão, Carvalho (2009, p. 33) infere que “o léxico vai sendo enriquecido com formas novas, a maioria calcada em palavras previamente existentes, e que, dentro de uma abordagem gerativa, fazem parte da competência do falante nativo”.

Os estudos acerca de produtividade lexical, sobretudo, na área política, alavancaram nas últimas décadas. No que tange ao Brasil, devido ao momento político em que estamos, em meio à crise ética, confirma-se, cada vez mais, que esse ambiente propicia o surgimento de novas unidades lexicais em várias comunidades que tratam do referido assunto. Essa possibilidade de formar novas unidades lexicais é chamada de *produtividade*¹⁵ (BASÍLIO, 1991), essas novas formas precisam obedecer às condições de produtividade na língua para que não haja restrição e, ainda, não podem ter uma mesma significação de uma palavra já cristalizada, a fim de que não haja o *bloqueio* (ARONOFF, 1976).

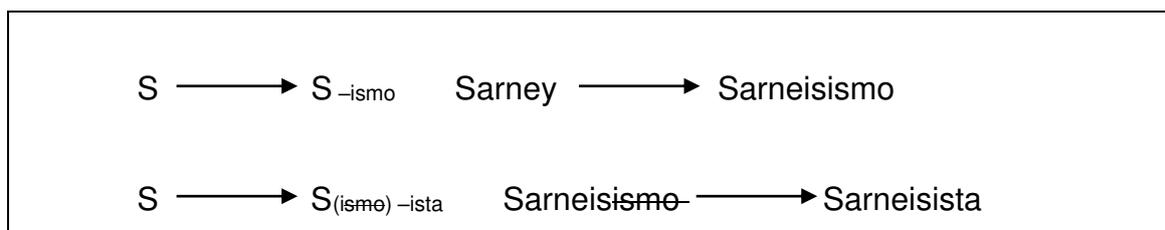
Sobre essa categoria, tomemos, como exemplo, a potencialidade do sufixo *-ista* na formação de uma nova unidade lexical. De um *blog* político, retiramos o seguinte: “Sarneistas históricos não escondem a paixão pelo candidato Eduardo Braide¹⁶”.

¹⁵ Rosa sintetiza o termo *produtividade* como “a formação de palavras por determinadas regras, as RFP’s” e acrescenta que “a produtividade é um contínuo, que vai do muito produtivo ao improdutivo” (ROSA, 2011, p. 89).

¹⁶ Disponível em: jornalpequeno.blog.br/johncutrim. Acesso em: 12 de dez. de 2016.

Palavras que têm formações com o sufixo *-ista* convencionalmente são empregadas para formar substantivos e adjetivos. Neste caso, esse elemento mórfico é usado para designar “os adeptos ou praticantes das ideologias ou atitudes formadas por *-ismo*”. Dessa forma, podemos compreender que a unidade lexical neológica ‘sarneisista’ é derivada da palavra ‘sarneisismo’ e essa derivada da palavra ‘Sarney’. Interessante que as duas primeiras palavras são neologismo, o que nos leva à conclusão de que existem neologismos que são formados a partir de outros neologismos.

No que cerne à *produtividade*, ao formar a unidade lexical neológica *sarneisista*, o falante empregou as operações mórficas que estão disponíveis no léxico, usando a regras de formação de palavras (BASÍLIO, 1980), formalizada a seguir.



Embora a palavra ‘sarneisista’ não seja *institucionalizada*¹⁷ (ROCHA, 2008[1998]), isto é, conhecida por uma comunidade significativa, ainda assim pertence ao léxico da língua portuguesa, por manter traços morfológicos e semânticos da referida língua. Além disso, esse processo de formação de palavras é bastante produtivo, uma vez que há várias unidades lexicais neológicas que têm a mesma formação.

Por outro lado, a partir de condições de produtividade, há bases, certamente, na língua portuguesa, que não foram ainda testadas para formar novas palavras, mas que não impedem uma comunidade de usá-las, visto que a ela conhece tais regras. De outra forma, podemos dizer que existem várias palavras potencialmente no léxico, pois os processos de formação de palavras estão disponíveis para serem usados, de forma que unidades lexicais novas passem do plano potencial sistemático para o plano real do uso.

¹⁷ Rocha apresenta duas formas de aparecer novas unidades lexicais e como elas podem pertencer a uma comunidade linguística, a essas duas formas, ele nomeia de *formação esporádica (FE)* e *formação institucionalizada (FI)*. Esses dois termos serão retomados posteriormente.

Assim, entendemos que as palavras em potência estão no campo abstrato e têm processos de formação previsíveis e sistemáticos (LABOV, 2008[1972]), e processos imprevisíveis, muitos sem registros oficiais como é o caso dos processos “marginais” de formação de palavras (GONÇALVES, 2016). Esse mecanismo assegura a inovação, renovação e expansão do léxico, temas que iremos abordar a seguir.

1.2.2 O léxico em processo

O léxico é dinâmico, pois passa por diversas modificações que são inerentes ao sistema linguístico, visto que as mudanças sociais nele interferem. Os acontecimentos moldam a sociedade e esta, por sua vez, por meio do falante, molda a linguagem, junto aos fatores internos e externos à língua. As novas unidades lexicais estão incluídas nessas modificações, uma vez que elas são responsáveis por *nomear as coisas* (GUILBERT, 1975).

Ferraz (2006) chama atenção para o fenômeno linguístico *inovação lexical* que mantém a língua em adaptação. Dessa forma, o autor infere que

À medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas. Um dos recursos de que se utilizam as línguas para a sua continuidade é a inovação lexical. A língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer por estagnação. (FERRAZ, 2006, p. 219).

Assim, entendemos que os neologismos são produto da inovação ou renovação lexical, são essas unidades lexicais novas que mantêm a língua em vitalidade contínua. Ferraz acrescenta ainda que “a criação de palavras novas e a reutilização de palavras já existentes a partir de novos significados constituem um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua”. (FERRAZ, 2006, p. 219).

Já Correia e Almeida¹⁸ (2012, p. 33) afirmam que há três formas de inovar o léxico: “(i) a construção de palavras, recorrendo a regras da própria

¹⁸ O livro **Neologia em português**, das referidas autoras, é uma atualização e adaptação do livro **Inovação lexical em português**, das autoras Margarita Correia e Lúcia San Payo Lemos.

língua; (ii) a atribuição de novos significados a palavras já existentes; e (iii) a importação de palavras de outras línguas”.

Dessa forma, entendemos que a inovação lexical é uma ação natural inerente à língua, que se movimenta, isto é, renova-se, a partir de fatores extralinguísticos, em outras palavras, fatores sociais, marcados na língua, uma vez que a sua inovação/renovação é dependente do estilo da comunidade.

Quando se trata de inovação ou renovação lexical, não há divergência entre os pesquisadores da área. Todos pontuam a importância do processo de inovação para expansão da língua, visto que ela é mutável. Sobre essa temática, Carvalho (2009, p. 37) infere também que “a língua não é um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente e se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua”.

Acrescenta, ainda, Carvalho (2009) que o processo de inovação ou renovação lexical não pode ser condicionado apenas a fatores internos à língua, mas, sobretudo, a fatores externos à língua, uma vez que a criatividade do falante é acionada, a partir de fatores sociais novos que acontecem em diversas áreas, tais como a social, econômica, política, cultural, tecnológica e outras.

A professora Cabré (1993) aponta que o neologismo passa por três etapas: a primeira refere-se à obediência às regras de formação de palavras que estão disponíveis no sistema da língua geral; a segunda refere-se à aceitabilidade da comunidade, uma vez que ela reconhece a necessidade da unidade lexical neológica e a terceira refere-se ao processo de cristalização da unidade lexical neológica, chamado de *desneologização*¹⁹. Nesta última etapa, o neologismo passa pela transição de entrada oficial do léxico da língua da comunidade que a usa.

Ainda sobre essa questão, Barbosa (1981) cita três estágios que estão em conformidade com o que Cabré apresenta. O primeiro remete ao instante de formação da unidade lexical neológica; já o segundo, ao processo de uso e, conseqüentemente, à aceitabilidade, caso seja usada frequentemente pelos

¹⁹ Cabré (1993) explica que, quando o neologismo passa a ser usado com bastante frequência pela comunidade, ele perde o *sentimento de novidade* gradativamente, passando a ser registrado no dicionário da língua geral. Nessa etapa, a UL passar a entrar para o acervo lexical.

indivíduos; e, por fim, o terceiro remete à entrada da unidade lexical neológica nos principais dicionários gerais da língua. Assim, podemos concluir que, quando se concretiza a última etapa, aquela unidade lexical neológica já não é mais assim considerada.

Ainda sobre a inovação lexical, Correia e Lemos apontam que

Entende-se a língua como o sistema de signos que é comum a uma comunidade linguística e a fala, a realização individual de enunciados em situações de comunicação. Com base nesta concepção marcadamente social do sistema linguístico, os neologismos começam por ser detectáveis ao nível da fala, nível ao qual pertencerão durante um determinado período. Como foi anteriormente, de todos os neologismos produzidos ao nível da fala, apenas alguns passarão para o sistema linguístico, isto é, para a língua. (CORREIA; LEMOS, 2009, p. 18).

Segundo as autoras, os neologismos, produtos que inovam o léxico, surgem na fala e apenas alguns chegam à língua. Esse processo acontece porque nem todos os neologismos têm uso efetivo pela comunidade. Além dessa observação, o que nos chama a atenção, também, é que as autoras apresentam uma concepção bem simples, no entanto, bem pontual, acerca de *comunidade linguística*²⁰. Destacamos que a língua na condição de sistema de signos é comum a uma comunidade linguística e que nesta dissertação não estamos considerando os *blogueiros* como tal, mas como comunidade de prática (ECKERT, 2000), escolhido para discutir sobre o uso que esses indivíduos fazem do neologismo para marcar socialmente, por meio dos traços linguísticos, a sua identidade social. Reconhecemos, então, nesta pesquisa, que os neologismos são produtos de um processo que é inerente e natural a qualquer língua. São criados e usados, a partir de uma necessidade do falante, para integrar estilisticamente cada grupo social em que se insere.

²⁰ Calvet fez duras críticas acerca de vários conceitos de *comunidade linguística*, visto que, para o autor, os linguistas focalizavam apenas a língua e se esqueciam que a língua se constitui e se modificava pela e na comunidade. Desse modo, o referido pesquisador se posiciona assim “esse problema é central pois os linguistas, quando querem definir uma comunidade linguística, só consideram o segundo termo desse sintagma, o adjetivo, como se na *comunidade linguística* só houvesse *língua*, esquecendo que há também *comunidade*. [...] A única maneira de ir até o fim da concepção da língua como fato social não é perguntar quais são os efeitos da sociedade sobre a língua, pois isso seria, uma vez mais, fazer o problema sociolinguístico derivar do problema linguístico, como um problema diferente, sucessivo ou ulterior. Trata-se, bem ao contrário, de dizer que *o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico*”. (CALVET, 2002, p. 120-121).

CAPÍTULO 02

A linguagem é uma estrutura que rodeia o objeto, mas não o contém. Tudo isso implicado no conceito do reflexo. O objeto da pesquisa, filosoficamente falando, é uma sombra, uma hipótese de existir. Se o leitor olhar para trás e lembrar o início de um processo de pesquisa que tenha vivenciado, talvez veja que o objeto que, a princípio, seria uma girafa virou um pavão. Mas, se, ao contrário, a girafa permaneceu girafa do início ao fim, talvez comece a pensar no conhecimento que reproduziu.
(ALMEIDA, 2011, p. 56).

2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Neste capítulo, mostraremos como se configura a nossa investigação de mestrado, especificando o objeto de análise, a justificativa, assim como a relevância da pesquisa para os estudos na área da linguagem. Além disso, relataremos o que há de publicação sobre a temática escolhida, especificaremos os objetivos norteadores da pesquisa e detalharemos a metodologia da referida dissertação.

2.1 O objeto

Mencionar que o objeto desta pesquisa é o neologismo, sabendo-se que é um elemento linguístico já descrito teoricamente pela ciência da linguagem, parece simplificar o que estamos considerando como centro dos nossos interesses investigativos. Caso a descrição fosse meramente linguística ou até mesmo gramatical, as possibilidades de criar os neologismos estariam resolvidas pelo elencar de autores, linguistas ou gramáticos. Mas não, o neologismo, objeto desta investigação, não está lido estritamente no âmbito material de sua formação, mas no universo social de suas possibilidades de ser usado para produzir sentido. Não apenas no universo social onde estão as possibilidades de ser formado, mas no espaço do *blog*.

Além disso, os *blogs* selecionados, nesta dissertação, são de natureza política, produzidos especificamente sobre política maranhense. Nesse sentido,

é que o objeto desta investigação não é reproduzido, mas criado, no momento em que foi se configurando como espaço onde a *comunidade de prática* se constitui. O neologismo não é, pois, o objeto linguístico a ser descrito pelos processos de formação centrais ou marginais, mas, porque se constitui no laço social no tocante ao estilo dos *blogueiros* que se identificam também por esse uso.

Nesse sentido, os estudos sobre o neologismo são recentes, se comparados a outros fenômenos linguísticos estudados. Sobre essa questão, Alves (2012) diz que o linguista Bernard Quemada é o precursor nos estudos sobre neologia na década de 60. No entanto, há registros, desde o século XIX sobre pesquisas nessa área, só que não eram sistematizadas. Assim sendo, podemos dizer que o professor Quemada traz novas contribuições para o estudo da neologia, além de criar o observatório de língua francesa contemporânea, que impulsionou outros observatórios, não só da língua francesa, que surgiram em outros países como Canadá e Bélgica, mas também de outras línguas românicas.

No que se refere ao Português, hoje já há vários observatórios. Inicialmente, começou com o projeto TermNeo – Observatório de neologismo do Português brasileiro contemporâneo, sob a coordenação da professora Ieda Alves (USP), que conduz essa pesquisa desde 1988 até os dias atuais. Na variante do Português europeu, há o projeto ONP – Observatório de neologia do português, sob a coordenação da professora Margarita Correia. Ambos os projetos objetivam descrever, analisar e difundir os neologismos detectados em alguns *corpora*, seja político, técnicos ou científicos.

Além desses dois importantes observatórios de neologismo da língua portuguesa, há outros, ainda recentes, que expõem dados interessantes e enriquecem o estudo de neologia. Podemos citar os projetos ONPM – Observatório de neologismos do português de Moçambique; NEOPORTERM – Observatório de neologia e de terminologia em língua portuguesa, entre outros projetos que focalizam o estudo de neologia e terminologia das variantes do Português.

Esses projetos exercem uma função importante que é credibilizar as análises dos neologismos. Entendemos assim, porque os gramáticos não

validam o neologismo como uma unidade lexical pertencente à língua. Eles ignoram e ‘combatem’ a evolução e expansão do léxico. Carvalho (1984) aponta que os gramáticos, quando mencionavam em suas gramáticas o termo neologismo, referiam-se a ele como um vício de linguagem ou algo que o falante da língua devia evitar.

Assim, podemos notar que a concepção acerca do neologismo na década de 80, no Brasil, ainda era uma concepção baseada no purismo linguístico como se o uso do neologismo ameaçasse a existência da língua portuguesa. O que nos leva a entender que se o falante usasse um neologismo em qualquer situação, seria criticado pelos conservadores da língua portuguesa, principalmente se fosse em uma situação de monitoramento.

Hoje já houve mudança nessa concepção. Podemos observar que os livros didáticos e algumas gramáticas já apresentam o neologismo não mais como termos que devem ser evitados, e sim como “palavras novas que qualquer falante pode criar e usar” (CEREJA, MAGALHÃES, 2000, p. 171). No entanto, existem alguns autores e gramáticos que compreendem o neologismo apenas como um elemento estilístico, isto é, típico de textos literários, de caráter estritamente artístico, desconsiderando assim os neologismos da língua informal.

Entretanto, as unidades lexicais neológicas, doravante chamadas de neologismos, estão presentes em qualquer contexto social, seja na literatura, como meio de expressar o estilo do autor; seja na área da inovação e tecnologia, tendo em vista que surgem novas ‘coisas’ para serem nomeadas; seja na publicidade, que pode surgir como uma forma de viralizar o produto por meio do nome; seja na área política ou econômica, como maneira de demonstrar um ponto de vista sobre algum aspecto das referidas áreas; seja na fala do povo como marca identitária do falante que representa uma comunidade, neste caso, por exemplo, a comunidade de prática dos *blogueiros* que o utiliza a ponto de se constituir um dos laços estilísticos de sua comunidade.

2.2 Delimitação do *corpus*

Nesta pesquisa, restringiremos a identificação dos neologismos usados nos textos de quatro *blogs* maranhenses que tratam de política. Coletamos os dados, a partir da publicação de quatro *blogueiros* no período pré-eleitoral (julho, agosto e setembro) para candidatos a vereador e a prefeito municipal, no ano de 2016.

Definindo o caminho de escolha, nesta pesquisa, cujo *corpus* é constituído por *blogs*, queremos saber se o neologismo chega a constituir um laço estilístico entre os *blogueiros*, a ponto de ser uma das marcas dessa comunidade de prática.

2.3 Justificativa do tema

No início desta pesquisa, quando o objeto era apenas um elemento linguístico a ser descrito o que a inseria na linha I – Descrição e Análise do Português Brasileiro – não tínhamos a dimensão de que a justificativa desta investigação era muito mais ampla e muito mais relevante do que podíamos alcançar. Reconhecemos que só no processo é que realmente o objeto foi se revelando com toda a sua potência que não pôde prescindir, neste caso, dos estudos sociolinguísticos para constatar que um uso não está somente no viés da comunicação, pois denuncia, não só o estilo de um falante, mas também do lugar que ele ocupa, que é heterogêneo.

A justificativa desta pesquisa que se sustenta na visão sociolinguística está no fato de que ela pode contribuir com a dimensão de que o uso das palavras está no plano muito maior do que sua simples descrição. Assim, descrevê-las, a partir de seu uso, é um recurso para investigar as relações sociais, a existência e a vida dos falantes a partir de suas posições sociológicas. Essa dimensão é tão importante que o neologismo considerado como objeto poderia ter se configurado em outro objeto: comunidade de prática ou estilo dos *blogueiros*, de tal forma que ele, de elemento linguístico, a ser descrito, a princípio, chegou a laços estilísticos de uma comunidade.

Entretanto, mantemos o neologismo como objeto, para preservar os princípios desta investigação. Criamos uma justificativa mais sedimentada, já que este objeto pode ser universalizado linguisticamente para todas as

palavras em outros espaços, pois cada uma tem o poder de criar laços entre os integrantes dos infinitos grupos sociais que se organizam e que se manifestam pela língua. O objeto desta pesquisa continua sendo o neologismo, caso contrário, seria outra. E o que justifica esta pesquisa é a dimensão sociolinguística para onde a descrição linguística nos conduziu e pode conduzir também outros pesquisadores.

2.4 Objetivos

Citaremos o objetivo geral e os específicos desta pesquisa:

2.4.1 Objetivo geral

Refletir sobre as consequências do uso das unidades lexicais neológicas, chamadas de neologismos, pelos *blogueiros* que escrevem sobre política no Maranhão.

2.4.2 Objetivos específicos

- Analisar os efeitos produzidos pelo uso dos *blogueiros* das unidades lexicais neológicas.
- Considerar a *função de rotulação* e a *função atitudinal* como fundamentação para entendimento dos efeitos produzidos pelo uso dos neologismos.
- Discutir os resultados sob a perspectiva sociolinguística.

2.5 Hipóteses

No início desta pesquisa, ainda com o olhar focado nas descrições dos neologismos e nos neologismos em si, levantamos algumas hipóteses as quais foram se ampliando na medida em que foram ganhando a dimensão sociolinguística como marca de um estilo da comunidade de prática dos *blogueiros*.

Foram levantadas as seguintes hipóteses:

- Há neologismos que se repetem entre os *blogs* de cunho político.
- Os efeitos produzidos mais frequentes pelo uso dos neologismos foram o pejorativo e o *bullying*.
- Os *blogs* maranhenses de cunho político constituem um socioleto.

No processo de configuração do objeto, essas hipóteses foram ajustadas para as seguintes:

Ao invés de comunidade fala, os blogueiros constituem uma comunidade de prática.

Os neologismos encontrados nos *blogs* maranhenses de cunho político são uma das marcas estilísticas que identificam os *blogueiros* como comunidade de prática.

Há consequências sociolinguísticas para o uso dos neologismos pelos *blogueiros*.

Há efeitos do uso dos neologismos pelos *blogueiros*.

Ao analisar o uso dos neologismos, a pesquisa potencializa o valor social das palavras investigadas.

2.6 Critérios para identificação de neologismo

Ao propormos uma descrição e análise das unidades lexicais neológicas intrínsecas aos fatos sociais, é preciso, primeiramente, definir o critério de determinação do que seja neologismo e não neologismo.

Sobre os critérios para identificação de neologismo, fundamentamo-nos em estudos da professora Maria Tereza Cabré, pesquisadora do projeto *Observatori de Neología* (OBNEO). Como sabemos, os estudos acerca do neologismo são recentes, quando reconhecemos enquanto estudos sistematizados. A autora considera quatro formas de identificar o neologismo: a diacronia, a lexicografia, a instabilidade sistemática e a psicologia.

Conforme a autora,

La diacronia: una unidad es neológica si ha aparecido en un período reciente; la lexicografía: una unidad es neológica si no aparece em los diccionarios; la inestabilidad sistemática: una unidad es neológica si

presenta signos de inestabilidad formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) o semántica; la psicología: una unidad es neológica si los hablantes la perciben como una unidad nueva. (CABRÉ, 1993, p. 445)²¹.

Nesta concepção, faremos uma reflexão sobre como podemos comprovar se o aparecimento do neologismo é recente ou não. Questionamos se a confirmação do aparecimento recente do candidato ao neologismo se dá pela escrita. Questionamos também como ficarão aquelas palavras novas que só apareceram na modalidade oral. Essas questões nos revelam a vagueza do referido critério, considerados por nós insuficiente para identificar o neologismo.

O segundo critério, esse mais usado pelos pesquisadores da área, chamado pelo linguista Boulanger (1979) de *corpus de exclusão*, é mais preciso, uma vez que a partir da verificação nos principais dicionários da língua investigada, ao não encontrar a unidade lexical dicionarizada, confirma que pertence apenas à fala, conforme Carvalho (2012b), sendo assim um neologismo.

Sobre o terceiro critério, dito instabilidade sistêmica, Correia e Lemos (2009, p. 17) afirmam que “estes elementos ortográficos e gráficos podem ser indícios de que as unidades são sentidas como novas não completamente assimiladas, por parte de seu utilizador”. Com isso, entendemos, que no sistema linguístico, há recursos que podem ser usados para sinalizar o critério de novidade, seja formal, semântico ou pragmático.

Quanto ao último critério defendido pelo Guilbert (1975) e que lhe custou várias críticas, o autor defende que há um critério de natureza psicológica, pois, segundo ele, neologismo pode ser entendido pela “percepção de novidade”, caso o falante não conheça aquela unidade lexical, ele a perceberá como uma unidade lexical neológica.

Essas críticas surgiram, pelos linguistas entenderem como um critério extremamente subjetivo, uma vez que condiciona o neologismo à experiência do falante quanto ao uso do neologismo, em outras palavras, conforme

²¹ A diacronia: uma unidade é neológica se tem aparecido recentemente; a lexicografia: uma unidade é neológica se não aparece em dicionário; a instabilidade sistemática: uma unidade neológica por se apresentar em signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semânticos; a psicologia: uma unidade é neológica se os falantes não percebem como a unidade é nova. (Tradução nossa).

Sablayrolles (1996), ao nível de *sentimento de novidade* da unidade lexical para o falante, se o falante nunca ouviu a dada unidade lexical, reconhecerá como uma unidade nova.

É importante lembrar que um critério não exclui o outro. Apesar de o critério *lexicográfico* ser preponderante nesta pesquisa, visto que ele será usado como *corpus de exclusão*, legitimando o trabalho de identificação das unidades lexicais neológicas, não descartamos o critério subjetivo de *sentimento de novidade* que é o que fundamenta e o que conduz à pesquisa nos dicionários.

2.6.1 A escolha do *corpus* de exclusão

Para compor o *corpus* de exclusão desta investigação, selecionamos três dicionários da língua portuguesa: Aurélio (versão eletrônica), Houaiss (versão eletrônica) e Michaelis²² (versão digital).

Com a contribuição da tecnologia, já há importantes publicações, em curto prazo temporal, de respeitadíssimos dicionários em versões eletrônicas e digitais (*online*).

Mesmo que tenhamos um *software* para identificar e coletar os candidatos a neologismo, isto é, uma ferramenta semiautomática para coletar os dados, optamos por fazer a identificação dos neologismos formais e semânticos de forma manual, visto que priorizamos na nossa dissertação o qualitativo e não o quantitativo. Em nenhum momento queríamos coletar e registrar uma lista extensa e exaustiva de neologismos em uma ficha de descrição para justificar que a quantidade era o fator relevante para fundamentar a tese de que o uso do neologismo traz consequências sociolinguísticas para a comunidade de prática dos blogueiros.

Como não era esse o interesse da nossa pesquisa de identificar e coletar neologismos aleatoriamente usando um extrator de neologismos, definimos, então, escolher três principais dicionários do Português brasileiro, dois em versão eletrônica que é atualizado, geralmente, em tempo bienal e um em versão *online* que é atualizado com mais frequência. Esses dicionários são

²² <http://michaelis.uol.com.br/>

atualizados frequentemente e têm uma maior representatividade sobre léxico do Português brasileiro.

2.6.2 A escolha da fonte de extração

O *blog* é um importante canal virtual comunicativo em que vários indivíduos compartilham as opiniões, pensamentos, críticas acerca de alguma temática. Por meio da linguagem, os *blogueiros* posicionam-se sobre os acontecimentos e identificam-se. Lembramos que a linguagem veiculada no ambiente *blog* é diferenciada da linguagem presente em outros ambientes, pois os recursos oferecidos são diferentes, os contextos em que os participantes se encontram são diferentes. Esses fatores colaboram para uma linguagem mais fluente, mais dinâmica.

Nessa perspectiva, entendemos que este ambiente pode propiciar aos usuários o espaço para a criatividade lexical. Além disso, as mudanças sociais, principalmente na área política, colaboram para a evolução do léxico. Assim, defendemos que essas consequências interferem inicialmente no âmbito social e atingem o âmbito linguístico, surgindo outras formas de nomear situações ou coisas que são novas para o dado momento, que antes não existiam nesse universo social.

Analisar neologismos nos *blogs* políticos implica ver uma língua que traz características da oralidade, mas sem perder alguns traços que são essenciais à escrita. Entendemos essa língua, que é veiculada nesse ambiente, como uma língua contínua entre as duas modalidades, da escrita e da oralidade (OLIVEIRA, 2013).

Defendemos, com a nossa pesquisa, que a língua usada nos *blogs* maranhenses de cunho político aponta consequências relevantes, sobretudo, com o uso de unidades lexicais neológicas. Sobre o uso da língua nos ambientes virtuais, o professor Rajagopalan afirma que “estamos diante de uma língua em construção – uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 27).

Dessa forma, há vários *blogueiros* maranhenses que utilizam a criatividade lexical no ambiente virtual, o *blog*, para tratar de política. Assim sendo, listamos 10 *blogs* que tratam da política maranhense com as seguintes marcas: a) política como temática; b) frequência de publicação; c) registro na Associação Maranhense de Blogueiros (AMABLOG). Para constituir o *corpus* desta pesquisa, selecionamos quatro, cujas publicações diárias foram acompanhadas no período de três meses (julho, agosto e setembro). Foram os seguintes os *blogs* selecionados:

- <http://www.luispablo.com.br/>
- <http://www.marrapa.com/>
- <http://jornalpequeno.blog.com/johncutrim/>
- <http://silviateresa.com.br/>

Apesar de ter encontrado neologismos nos 10 *blogs*, a delimitação do *corpus* se deu pelo critério de novidade (autor, ano), já referido anteriormente.

2.7 De candidatos a neologismos

A identificação de candidatos a neologismos foi feita de forma manual, pois pretendíamos não só identificar os neologismos formais, mas também os neologismos semânticos. Se usássemos um *software*, isto é, um extrator de neologismo, por exemplo, o SENTER (2006), ferramenta que foi desenvolvida pelo professor Tiago Pardo²³, do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC), usada no Projeto TermNeo da USP, não teríamos tanto êxito, uma vez que esse programa identifica apenas palavras que não estão armazenadas no seu sistema.

Em outras palavras, o programa não consegue avaliar o contexto em que o neologismo é empregado, para saber se a palavra está sendo usada de forma incomum. Ele segmenta o *corpus* que deve estar em formato (txt) gerando segmentação sentencial, uniformização textual, seleção de candidatos

²³ A seguir, o link da ferramenta desenvolvida pelo pesquisador Tiago Pardo: <http://conteudo.icmc.usp.br/pessoas/taspardo/Detector%20de%20neologismos.rar>

a neologismo e, por fim, gera a lista de candidatos, a partir de palavras que não estão contidas nos dados do programa, alimentados pelos dicionários da língua, procedendo aplicação do critério lexicográfico.

Quando optamos por identificar o neologismo de forma manual nos *blogs* selecionados, sabíamos que teríamos que seguir quatro passos importantes para analisarmos os neologismos: o primeiro passo refere-se à escolha da fonte de extração, no nosso caso, os *blogs* já descritos; o segundo passo refere-se à leitura e à seleção dos candidatos a neologismos presentes no *corpus*, com base no *sentimento de novidade*; o terceiro refere-se à consulta do *corpus de exclusão*, a fim de verificar se os candidatos são palavras dicionarizadas. O último passo refere-se ao registro do neologismo em uma ficha de descrição neológica com os campos preenchidos, a fim de fazer a análise, caso a palavra não esteja dicionarizada.

2.7.1 A ficha de descrição neológica

Quando verificamos que o candidato a neologismo de fato não está contido em nenhum dos dicionários selecionados, passamos a registrá-lo numa ficha de descrição neológica que contém campos específicos, que foram elaborados para serem preenchidos, de acordo com a focalização da referida pesquisa.

Depois de ter selecionado as quatro fontes de extração e o *corpus* de exclusão, definimos quais campos de descrição deveriam conter as fichas neológicas e chegamos a definir os campos, como: neologismo, tipo de neologismo, processo morfológico de formação de palavras, processo semântico de formação de palavras, categoria gramatical, *locus*, fonte, âmbito temático, ratificação do âmbito temático, excerto, data, função neológica e efeitos produzidos.

Como se observa a seguir:

MODELO DE FICHA DE DESCRIÇÃO NEOLÓGICA

NEOLOGISMO:
TIPO DE NEOLOGISMO:

- Efeitos produzidos – o tipo de efeito produzido a partir do uso do neologismo no texto selecionado.

CAPÍTULO 03

Deixei cair, durante a conversa, meia dúzia de neologismos. Foi como se estivesse a distribuir chocolates a meninos gulosos. Nenhum demonstrou o menor estranhamento em relação às palavras. Começaram a servir-se delas logo ali, com propriedade e inteligência, como se sempre as tivessem utilizado. (AGUALUSA, 2010, p. 218).

3 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA

Para fazer a leitura do objeto desta pesquisa, selecionamos alguns autores de referência no assunto, a fim de refletir sobre os conceitos de neologia e de neologismo considerados essenciais para esta investigação sociolinguística, tendo em vista que constituem o objeto linguístico a ser analisado. Ancoramos o conceito de comunidade de prática nos estudos da linguista Eckert (2000), pesquisadora que propôs um avanço para o estudo variacionista. Pontuaremos ainda as definições e relevância das funções de formação de novas unidades lexicais como função de rotulação e atitudinal.

3.1 Do neologismo

A neologia e o neologismo são dois conceitos diferentes, que, no entanto, não podem ser dissociados. O primeiro refere-se ao processo de estudo do neologismo e envolve várias etapas, tais como, observação, coleta, registro, descrição e análise (CORREIA, 2009). Já o segundo é o produto desse processo, isto é, o objeto da neologia, entendendo-a como uma disciplina (ALVES, 2002).

Aprofundando essas concepções, tomamos, em nossa pesquisa, a concepção sociolinguística da *neologia lexical*, defendida pelo linguista Guilbert (1975) que reconhece a neologia não apenas como processo de criação de unidades lexicais neológicas, mas como processo de análise de uso de unidade lexicais neológicas em uma comunidade.

Sobre essa perspectiva, a professora Ieda Alves acrescenta dizendo que

O estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Por isso, o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralinguístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira. (ALVES, 2002, p. 87).

Partindo dessa citação, fortalecemos a nossa convicção da necessidade de investigar as novas palavras que surgem todos os dias, principalmente na área política, temática em que os neologismos coletados foram encontrados, por acreditarmos que o analisar do uso dos neologismos nos *blogs* possibilitou-nos encontrar as consequências sociolinguísticas desses usos pela comunidade de *blogueiros*. Além disso, ao olharmos para o uso dos neologismos, estaremos também procurando perceber o estilo sociolinguístico dessa comunidade, visto que as questões sociolinguísticas marcam uma comunidade.

A pesquisadora Ieda Alves, fundamentada nas reflexões de Guilbert, acerca da neologia lexical, resume que

Nessa perspectiva sociolinguística, a neologia denota não apenas a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, mas, ao levar em conta as unidades de fato atestadas em uma comunidade linguística, também representa uma forte vinculação com o caráter social do léxico, que, por sua vez, é estreitamente vinculado ao movimento do mundo e da sociedade. (ALVES, 2012, p. 180).

A autora chama atenção aos traços sociais que constituem o léxico e que estão diretamente ligados ao processo de formação de unidades lexicais neológicas. Para Louis Guilbert (1975), a neologia precisa ser vista não em processo de evolução, pela perspectiva diacrônica, e, sim, pela perspectiva sincrônica, isto é, pelo processo de criação e uso do neologismo em uma comunidade. Só assim, conforme o autor, é possível definir o conceito de neologia.

Carvalho acrescenta ainda que “a neologia lexical é o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção e aparecimento,

num momento dado da história da língua. Isto conduz evidentemente à análise do contexto sociolinguístico” (CARVALHO, 2012b, p. 11).

Assim, podemos afirmar que a língua é uma marca social. Ela se constitui na sociedade e pela sociedade. Dessa forma, entendemos que são as mudanças, que acontecem no mundo, que interferem na transformação, no movimento do léxico, possibilitando que novas palavras sejam reveladas do plano potencial para o plano real.

O pesquisador Guilbert conceitua neologia, diferenciando-a de neologia lexical:

On en arrive ainsi à distinguer d'une part la néologie comme un mouvement d'évolution qui anime la langue dans son système phonologique, grammatical et syntaxique, et la néologie lexicale qui consiste dans les créations individuelles de mots. (GUILBERT, 1975, p 16)²⁴.

Partindo da concepção do referido autor, a neologia é entendida como o movimento que incita a evolução no sistema da língua, quer seja na fonologia, na sintaxe; enquanto a neologia lexical é a criação individual das unidades lexicais.

A professora Cabré, investigadora da neologia lexical, considera que

A neoloxía, pois, enta tanto que obxecto de estudio e de aplicación, non se limita a unha soa faceta, a lingüística, senón que presenta polo menos tres facetas diferentes: (i) Unha faceta lingüística: todo código lingüístico dispón de recursos suficientes para expresar a novidade. (ii) Unha faceta cultural: a neoloxía reflicte a cultura dunha sociedade ou dun grupo social e, asemade, amosa o estado de desenvolvemento técnico e cultural dunha sociedade. (iii) Unha faceta política: para asegurar a subsistencia dunha lingua hai que activar espontaneamente ou conscientemente recurso que a actualicen permanentemente. (CABRÉ, 2003, p.10)²⁵.

²⁴ Assim, chega-se a distinguir, por um lado, a neologia como um movimento de evolução que anima a língua no seu sistema fonológico, gramatical e sintático, e a neologia lexical que consiste na criação individual de palavras. (Tradução nossa).

²⁵ A neologia, pois, está tanto em objeto de estudo e de aplicação, pois não se limita a uma só faceta, a linguística, porém apresenta três facetas diferentes: I- Uma faceta linguística: todo código linguístico dispõe de recursos suficientes para expressar a novidade. II- Uma faceta cultural: a neologia reflete a cultura de uma sociedade ou de um grupo social e, ao mesmo tempo, mostra o estado de desenvolvimento técnico e cultural de uma sociedade. III- Uma faceta política: para assegurar a subsistência de uma língua, há que ativar espontaneamente ou conscientemente recursos que a atualizem permanentemente. (Tradução nossa).

Como podemos perceber, não há divergências entre os autores quando a questão é a definição de neologia. Mas no que diz respeito ao conceito de neologismo, essa atividade não é tão simples quanto parece. Afirma a professora Barbosa que “o próprio conceito de neologismo é relativo e não absoluto” (BARBOSA, 2001, p.38).

Agora trataremos não mais do estudo do processo de criação, mas do resultado do processo de formação de novas palavras, permitido pelas possibilidades de combinação que estão disponíveis no sistema da língua. Em outras palavras, o neologismo pode ser um elemento formal novo, ou um elemento semântico novo em uma forma já dicionarizada, ou ainda um elemento emprestado de outra língua. Em síntese, é o resultado do processo de neologia (ALVES, 2002) que pode se estabelecer na língua do falante, caso seja aceito pela comunidade (BARBOSA, 2001) ou desaparecer, uma vez que sua formação foi efêmera, como aponta o professor Rocha: “é verdade que nem toda formação nova se torna institucionalizada, ou seja, conhecida de uma comunidade linguística” (ROCHA, 2008[1998], p. 39).

Para que a comunidade aceite o neologismo e passe a usá-lo com frequência, é necessário que ele obedeça a alguns critérios, como, quando for um neologismo formal, as regras de formação de palavras, como já mencionado no capítulo O FALANTE MOVIMENTA O LÉXICO. Sobre essa questão, Carvalho comenta que “o léxico vai sendo enriquecido com formações novas, na maioria calcadas em palavras previamente existentes que fazem parte da competência comunicativa do falante nativo.” (CARVALHO, 2012b, p. 14).

Correia e Lemos (2009, p. 16) conceituam o neologismo como “uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística”. Esse conceito é problemático, pois nos lembra do *critério psicológico*, formulado por Boulanger (1979), que implica em o falante perceber, por meio do *sentimento de novidade*, se a unidade lexical é realmente nova na língua. Sobre esta questão, Pilla (2002, p. 19) acrescenta ainda que, “na verdade, ao ouvirmos uma palavra pela primeira vez, não teremos certeza de que aquela é realmente a sua primeira ocorrência, pois o seu criador não é necessariamente o seu divulgador”.

Uma questão problemática que gera muitas discussões e críticas quanto a esse critério é que, por ser de caráter subjetivo, de natureza psicológica, isto é, dependente do nível da percepção da comunidade, pode gerar alguns equívocos, por exemplo, o de a comunidade perceber uma unidade lexical em desuso que foi retomada em um dado momento como uma palavra nova, um neologismo, sendo na verdade um arcaísmo.

Sobre essa questão, Carvalho salienta que “o reconhecimento do estado de uma língua implica o reconhecimento intuitivo do caráter de novidade de certas palavras. Algumas pertencem à fala, mas ainda não à língua, porque têm condição provisória” (2012b, p. 12). Conforme Barbosa (2001), o neologismo aparece no ato da fala, que é um momento singular, excepcional, inusitado, que jamais se realiza da mesma maneira. Nesses momentos que o neologismo é formado e/ou usado, e a comunidade, por meio do *sentimento de novidade*, perceberá que aquela unidade lexical não estava ainda disponível no sistema até aquele momento, ou ainda que aquela forma, mesmo que lexicalizada, não tinha a dada carga semântica que foi usada naquele instante.

Pensando nesses critérios, fundamentamo-nos no linguista Boulanger (1979) que os restringiu a três: (i) o critério psicológico; (ii) o critério lexicográfico e (iii) o critério diacrônico. Passamos a entender, no decorrer desta investigação, que essa ordem apresentada pelo referido autor não é aleatória, ela revela uma sistematização para investigar a nova unidade lexical, como se descrevesse as etapas para identificar o neologismo.

Assim, compreendemos que quando sentimos que a palavra é nova, ou enquanto forma ou enquanto substância, recorreremos aos principais dicionários da língua, a fim de identificar se há registro da unidade lexical em questão, com a intenção de confirmar a data de seu surgimento. Isso reforça que essas etapas não são excludentes e sim complementares, como já foi citado no capítulo PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.

Essas definições acerca da neologia e do neologismo geram apontamentos viáveis para o avanço em nossa pesquisa de dissertação, já que concebemos a análise do neologismo atestado em uma comunidade, neste caso, a comunidade dos *blogueiros* investigados, sob a metáfora do laço sociolinguístico, para além da forma, averigua não só o processo de formação

ou as consequências semânticas da unidade lexical, mas também verifica os critérios que se confirmam no processo de identificação do neologismo e seus efeitos socioestilísticos. Como elucida Carvalho (1984), coube a nós olharmos os traços linguísticos presentes nos neologismos que foram coletados nos *blogs* que tratam de política do Maranhão e investigá-los para confirmar se de fato o seu uso cria laço entre os *blogueiros*.

3.1.1 Tipos de neologismo

Quando se trata de estudos relacionados à língua, sabemos que há muitos fenômenos linguísticos a serem estudados, principalmente no léxico, área de estudo que não teve tanta focalização como tiveram a fonética-fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica. No entanto, alguns lexicólogos, ao perceber a renovação do sistema linguístico pela inclusão de novos *significantes* ou de novos *significados* na língua e, ainda, adoção de *significantes* de outras línguas, já se preocupavam em fazer uma tipologia neológica. Quanto a essa questão, retomemos os conceitos de Coelho (1874), Guilbert (1975) e Boulanger (1979).

Sobre as tipologias dos neologismos, Coelho (1874) classifica-os em dois tipos: *formais* e *semânticos*. O primeiro é resultante da produção de novas palavras que o falante cria a partir dos recursos linguísticos que estão disponíveis virtualmente no léxico da língua vernácula. O segundo advém da necessidade de o falante ser mais expressivo, criativo com a função de tornar-se inédito, tendo em vista que será usada uma palavra dicionarizada com um sentido não convencional.

Já Guilbert (1975) propõe uma classificação mais detalhada. O autor segmenta o neologismo em quatro tipos: fonológico, semântico, sintagmático e alogênico. Vamos apresentar de forma sintética essas concepções tipológicas do neologismo.

(i) O neologismo fonológico é resultante de um processo de combinação fonológica inédita ou uma combinação inédita de morfemas. Assim compreendemos que esse tipo de neologismo pode juntar os processos morfo-fonológicos para formar uma nova unidade lexical. Assim, quando há uma alteração no fonema da unidade lexical ou quando é lexicalizada uma

onomatopeia, temos a formação desse tipo de neologismo. Barbosa (2001, p. 40) infere que “os neologismos fonológicos específicos²⁶ podem por sua vez ser distribuídos em duas subclasses: os *ex-nihilo* e os onomatopaicos.” Esta tipologia, segundo a professora Ieda Alves (2002), é extremamente rara.

(ii) O neologismo semântico é resultante de um processo não mais na forma, mas no conteúdo, na carga semântica, pois a base já é conhecida pela comunidade. O que será novo agora em uma dada forma será o sentido. As estruturas utilizadas nessa tipologia são os recursos estilísticos disponíveis na língua. Sobre o neologismo semântico, Guilbert (1975) afirma que é usado para exprimir de maneira inédita uma visão subjetiva sobre o mundo. Correia e Almeida (2012) especificam também que o falante recorre ao uso dessa tipologia para ser mais expressivo no discurso, em conformidade com a ideia de Guilbert. Sobre isso, Barbosa (2001, p. 41) comenta que, “dentre os mecanismos que engendram neologismos semânticos, destacamos o emprego conotativo de um lexema”. Assim, compreendemos que os processos semânticos mais utilizados nessa tipologia neológica serão a metáfora e a metonímia.

(iii) O neologismo sintagmático é resultante de um processo da derivação e da composição, mas que não só estende à forma, mas, sobretudo, à estrutura frásica. Como afirma a professora Barbosa

É assim denominado, seja por resultar da integração, em forma de lexia – unidade lexical memorizada e disponível para atualização – de um segmento da frase, ou mesmo de uma frase, pontos iniciais do seu percurso, numa perspectiva gerativo-transformacional, seja por apresentarem, em sua estrutura, a combinatória lexicalizada de signos mínimos e de vocábulos autônomos. (BARBOSA, 2001, p. 41).

Como podemos perceber, essa tipologia é mais complexa, por envolver outras estruturas. Como salienta Alves (2002, p. 14), “a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne ao nível frásico”. A autora ainda esclarece que essa tipologia está no âmbito da frase, porque “o acréscimo de sufixo pode alterar a classe gramatical da palavra base”. “A

²⁶ Barbosa (2001) faz uma divisão nesta tipologia, ela chama de neologismo fonológico específico – a unidade nova formada por conjunto de fonemas que ainda não foram usados; já a segunda, o neologismo fonológico complementar, a unidade nova formada pela combinação de morfemas inéditos.

composição tem caráter coordenativo e subordinativo” e “os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical”.

(iv) O neologismo alogenético é resultante do processo de adoção/empréstimo de uma unidade lexical de outra língua. Essa tipologia constitui-se de alguma necessidade do falante, quer por questão de inexistência de uma palavra-base para nomear algo, muito comum na área da tecnologia, quer por questões sociais, por exemplo, *status*. Sobre esse tipo de neologismo, Barbosa chama atenção para algumas fases que envolvem essa tipologia

A adoção do novo lexema compreende várias etapas, e nas várias fases por que vai passando, nesse processo de adoção, assume tal lexema características diversas, segundo o grau de aceitabilidade, o grau de assimilação pelo grupo, sua integração às estruturas da língua receptora. A frequência de atualização que apresenta, ou as adaptações por que passa no plano fonético-fonológico ou semântico-sintático. (BARBOSA, 2001, p. 42).

O linguista Boulanger (1979) especifica a tipologia neológica em três grupos: neologismos formais, neologismos semânticos e neologismos por empréstimos.

(i) Neologismos formais são resultantes de uma nova forma (significante), podendo entrar para o sistema da língua, criados a partir dos processos sistemáticos de formação de palavras, tais como derivação, composição, siglagem, acronímia, truncação, abreviação entre outros processos existentes na língua.

Sobre o neologismo formal, Carvalho acrescenta também que

O neologismo formal constitui uma palavra nova introduzida no idioma, podendo ser vernáculo ou estrangeiro. As gírias, neologismos populares de formação vernácula, são consideradas como neologismos formais que nascem da busca de maior expressividade na linguagem como também para dificultar a decodificação da mensagem aos estranhos ao grupo que as usa. (CARVALHO, 2012b, p. 15).

Destacamos o fato de a pesquisadora reconhecer que o falante, ao criar e usar um neologismo, cuja forma ainda não está dicionarizada, tem por finalidade marcar o seu dizer com maior expressividade, efeito que certamente com outra palavra não seria, em dado contexto, o mesmo.

(ii) Neologismos semânticos são resultantes de uma nova acepção (*significado*) atribuída a uma unidade lexical já atestada e dicionarizada. Essa tipologia está presente no plano do discurso, tendo formações efêmeras, criadas apenas para situações comunicativas específicas, desaparecendo com o tempo.

Carvalho (2002) denomina essa tipologia neológica de neologismo conceitual, para ela a criação semântica de unidades se dá por questões de economia linguística, pois o indivíduo usa uma forma, uma unidade lexical já conhecida pela comunidade, mas com uma carga semântica diferente que surgiu a partir da necessidade desta comunidade. Sobre o processo de criação semântica, a pesquisadora afirma ainda que

A criação de um significado novo para o mesmo significante não deve ser encarada como a realização de um significado virtual. Também sua difusão não é o acaso. A criação semântica é o resultado da atividade linguística consciente de um falante, dentro de um sistema linguístico e sua difusão depende das condições de comunicação, dentro de um contexto sociolinguístico. (CARVALHO in: AZEREDO, 2000, p. 194).

(iii) Neologismos por empréstimos são resultantes de uma importação da unidade lexical de outra língua.

Nesta investigação de mestrado, tomaremos como tipologia neológica de interesse apenas os neologismos formais e semânticos. Essa escolha se deu por questões exclusivamente de delimitação.

Quanto à leitura dos dados no que se refere à produtividade e inovação lexical pela perspectiva sociolinguística, Carvalho (2012b, p. 20) infere que “a atividade política e as mudanças sociais provocam o surgimento de lexemas, o deslocamento e a conseqüente mudança de sentido”. A autora considera que o surgimento do neologismo se dá pelas mudanças sociais e que “a sociolinguística tem procurado examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico”. (2012b, p. 20). Essa ideia nos favorece pela escolha do corpus, porque, por ser de cunho político, traz uma expectativa de se apresentar como contexto minado de criatividade e produtividade linguística: os *blogs* políticos maranhenses.

Em síntese, reiteramos que o objeto desta pesquisa são os neologismos formais, ou seja, unidades lexicais novas na forma, criadas a

partir das regras de formação de palavras já disponíveis ou “marginais” e os neologismos semânticos, unidades lexicais novas no sentido pelo processo metafórico e metonímico.

3.2 Da comunidade de prática

Queremos reforçar que, cada momento que aprofundamos o estudo acerca da inovação e/ou renovação do léxico, sobre os neologismos, sentimos nos mais convictos quanto à interferência dos fatores sociais nos fatores linguísticos. Assim sendo, compreendemos que entender a língua como um fato social significa vê-la dentro de um contexto social remetendo a um período e a uma comunidade. Também reconhecemos que essa concepção de língua não é tão nova, embora só agora, principalmente com o surgimento da Sociolinguística, esse olhar social para a língua tornou-se mais sistemático. Mas, sem dúvida, foi o Willian Labov quem alavancou as questões sociais da linguagem.

Partindo do princípio de que outras ponderações teóricas são acrescentadas às primeiras, e considerando que um dos conceitos fundamentais da teoria laboviana é o de comunidade de fala que a princípio pensamos que desse conta das reflexões que envolvem o uso de neologismos pelos *blogueiros* políticos, decidimos, no processo de pesquisa, optar pelo conceito de comunidade de prática (ECKERT, 2000).

Este conceito não nega o primeiro (comunidade de fala), mas delimita melhor o universo social pesquisado, *blogs* políticos maranhenses, e oferece reflexões que nos permitem analisar, de forma mais específica, o que há de restrito aos *blogs* analisados: a questão da identidade heterogênea dos *blogueiros*, porque pertencem a vários grupos sociais. A temática específica por eles tratada, a qual os identifica. Os recursos linguísticos que também os identificam no estilo próprio dos *blogs*, fato que constitui o ponto central das análises desta dissertação e justifica o lugar da pesquisa na linha intitulada Descrição e Análise do Português Brasileiro.

As reflexões sobre comunidade de prática nos possibilitam descrever o estilo das jogadas linguísticas encontradas nos *blogs*, tomando como eixo de procura os neologismos – fato linguístico, que, por ser marcante em cada *blog*

analisado, passa a ser traço presente no estilo dos blogueiros políticos que, neste momento, passamos a considerar uma comunidade de prática.

Nesta nova vertente, a focalização parte da comunidade para a língua, visto que ela propõe voltar à dimensão social. Sobre esta questão, Calvet (2002, p. 119) afirma que “a sociolinguística partiu da ideia de que a língua reflete a sociedade, ela se fechou nesse tipo de definição”. Segundo o autor, esse problema consiste, porque os sociolinguistas, geralmente, partem da língua para definir o grupo, e não do grupo para analisar a língua. No caso desta pesquisa, nosso olhar para o neologismo se dá a partir do *blogueiro*, para que o critério linguístico não restrinja o critério social.

Nesse sentido, propomos reconhecer o *blogueiro* que trata de questões políticas como um agente produtor de estilo marcado pelo grupo, como um indivíduo que exerce atividades e papéis que vão interferir na prática de sua estilística nesse universo sociolinguístico.

Para compreendermos o uso de neologismos pelos blogueiros como marca social dessa comunidade, propomo-nos analisar a prática linguística desses indivíduos na pesquisa da autora Eckert (2000) que apresentou o conceito de comunidade de prática como a terceira vertente variacionista.

Camacho (2013) afirma que

A noção de comunidade de prática, postulada por Eckert, representa outro avanço que a sociolinguística operou para retomar, de certo modo, a dimensão social, funcionalmente forte na origem cujo grau de importância foi reduzido, embora não eliminado, pela tendência variacionista. Esse conceito propõe, em primeiro lugar, uma revisão da noção de comunidade linguística e, em segundo, da noção de comunidade social. (CAMACHO, 2013, p. 255).

Essa terceira vertente da teoria variacionista focaliza os indivíduos e a sua prática estilística que é usada para marcar socialmente a comunidade, visto que há uma construção de identidade por meio da prática socioestilística. Assim, diferentemente da primeira onda em que o foco partia da língua para comunidade, essa vertente parte da comunidade para a língua. O linguista Camacho, fundamentado nas leituras de Eckert, pontua que “é no indivíduo que está a chave de muito do que é preciso apender, com a ressalva, porém, de que a prática individual esteja arraigada somente no papel que exerce a comunidade de prática” (CAMACHO, 2013, p. 258).

Sobre a definição de comunidade de prática, Eckert e Ginet (2010, p. 102) conceituam como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”. Elas acrescentam ainda que

Uma comunidade de prática pode ser constituída por pessoas trabalhando juntas em uma fábrica, *habitués* de um bar, companheiros de brincadeira em uma vizinhança, a família nuclear, parceiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc. Comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada nesta participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p.102-103).

Dessa forma, compreendemos nesta dissertação que a comunidade de prática é constituída de pessoas que têm interesses em comum e que partilham e compartilham por meio de práticas estilísticas as suas opiniões, seus pensamentos, os seus anseios, suas dúvidas, seus posicionamentos. Essas sinalizações atitudinais, chamadas, nesta dissertação, de marcas sociolinguísticas geram consequências socioestilísticas, que denominamos de laço.

Entendemos, nesta dissertação, que o *blogueiro*, ao usar o neologismo, tem objetivos comunicativos, isto é, ele não o usa por uma escolha aleatória, ele tem interesses e expectativas bem definidos. Sobre essa questão, Carvalho salienta que

Sempre criar uma palavra é impor um conceito por intermédio de sua representação escrita ou falada. Mais que um ato linguístico, portanto, a criação é um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma comunidade. (CARVALHO, 2012a, p. 169).

Partindo da tese defendida pela autora, entendemos que, quando se trata de formação de novas unidades lexicais, essa atividade não é inconsciente, uma vez que o falante tem um objetivo social, comunicativo e ideacional. Quando essa atitude linguística envolve os falantes de uma

comunidade que se engajam com os mesmos objetivos e que, por meio de práticas, identificam-se, estamos diante de uma comunidade de prática, fenômeno correspondente à hipótese principal desta dissertação sobre os *blogueiros* políticos maranhenses.

Ao tratar do processo de identificação, é importante comentar que os participantes da comunidade de prática constroem sua identidade social que é heterogênea e plural por meios de práticas sociais e estilísticas as quais os constituem por serem pertencentes a outras comunidades de prática. Falamos aqui comunidades, por entender que um indivíduo se integra não só em um grupo social, mas em vários; por acreditarmos que o indivíduo, a partir de seu engajamento social com os outros membros com que se identifica, é marcado socialmente e, conseqüentemente, marca os outros também com traços linguísticos próprios dos diversos grupos de que faz parte.

Sobre essa discussão, Camacho diz que

A identidade social é construída no próprio processo de articulação e de envolvimento dos indivíduos com as comunidades de prática de que participam e a identidade de cada comunidade depende do processo de engajamento e de envolvimento dos participantes. O grau de envolvimento depende do grau em que os indivíduos adquirem o repertório da comunidade de prática, assimilam objetivo do empreendimento partilhado e estabelecem padrões de relacionamento com os outros falantes envolvidos. (CAMACHO, 2013, p. 256).

Partindo dessa ideia, concebemos, nesta investigação, que a identidade é construída a partir de trocas, de interação com outros integrantes de um grupo social, isto é, o indivíduo não forma a identidade social sem integrar-se em uma comunidade, pois é só por meio da influência mútua dos indivíduos que a identidade social é formada. Camacho acrescenta ainda que o participante “constrói sua identidade – um senso de lugar no mundo social – numa participação equilibrada numa variedade

de comunidade de prática e nas formas de participação em cada uma dessas comunidades” (CAMACHO, 2013, p. 259).

É interessante ressaltarmos os critérios que validam uma comunidade de prática. Partindo das definições dadas por Eckert (2000), destacamos três: (i) os participantes precisam estar engajados nas práticas da comunidade

deles; (ii) os integrantes compartilham de algum interesse em comum; (iii) os membros compartilham suas práticas estilísticas no processo de engajamento com os outros indivíduos da comunidade.

Nesta etapa, houve um amadurecimento das concepções teóricas da referida pesquisa, proporcionado pelo processo de investigação que gradativamente foi inter-relacionando as concepções que tínhamos com as novas concepções que foram surgindo durante todo o processo investigativo. Ao buscar o objeto em um *locus* constituído de participantes, que se apresentam por práticas linguísticas, ou melhor, práticas estilísticas semelhantes a outros indivíduos que compartilham dos mesmos objetivos, fomos revendo o conceito de comunidade de fala e chegamos ao conceito de comunidade de prática, este último, a nosso ver, por ser mais restrito, deu mais embasamento teórico para a leitura da comunidade dos *blogueiros* por meio do uso dos neologismos.

Voltamos a esse ponto, por defender que é importante falar do processo de investigação. Assim, concluímos que a comunidade de fala é definida de uma forma macro, pois a focalização se dá nos usuários de uma língua. Já a comunidade de prática parte do indivíduo, do participante da comunidade, isto é, restringe ao falante como o objeto mais relevante para a mudança na língua. Segundo Eckert (2000), a comunidade de prática passa a ser um objeto mais concreto dos estudos da sociolinguística, pois a focalização é nos indivíduos que interagem na comunidade, por meio de práticas estilísticas que os identificam socialmente. Compartilham suas experiências, seus objetivos comuns. Em outras palavras, nessa nova vertente, o falante passa a ser reconhecido como o agente transformador, o protagonista que antes não era reconhecido com tal relevância.

3.3 Dos efeitos socioestilísticos

Por verificarmos que a comunidade de prática dos *blogueiros*, a qual trata da política do Maranhão, usa constantemente neologismos em suas publicações, compreendemos, nesta pesquisa, que existem motivações que levam os *blogueiros* a optarem pelo uso de unidades lexicais neológicas em

detrimento daquelas unidades lexicais que já estão dicionarizadas, porque as palavras já lexicalizadas nem sempre bastam aos falantes.

A pesquisadora que definiu, inicialmente, as funções que as unidades lexicais neológicas podem exercer no texto em que são utilizadas foi a professora Margarida Basílio. De acordo com a autora,

Podemos pensar pelo menos em três funções fundamentais para formação de palavras: a função de denominação, que corresponde, naturalmente, a necessidades semânticas; a função de adequação discursiva e a função de adequação sintática. (BASÍLIO, 1987, p. 67).

Nesta dissertação, das três funções expostas pela linguista Basílio, focalizaremos apenas duas: a função de rotulação, chamada por ela de função de denominação, e a função atitudinal, chamada por ela de função de adequação discursiva.

Assim, fundamentaremos as categorias de análise de função de rotulação e função atitudinal nas reflexões dos pesquisadores Basílio (1987), Rocha (2008[1998]) e Gonçalves (2016).

3.3.1 Função de rotulação

Já discutimos que o léxico é um sistema aberto, dinâmico que se movimenta e acompanha as mudanças que acontecem no cotidiano da sociedade. Partindo das reflexões de Biderman (1996, p. 27), “o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva”.

Dessa forma, consideramos que as novas palavras são formadas quando o falante percebe acontecimentos e/ou coisas novas que ainda não foram nomeados e que, para fazê-lo, naturalmente o indivíduo emprega os processos disponíveis na língua dele para formar novas palavras, podendo ir além por processos “marginais” (GONÇALVES, 2016) ainda não consensuais entre os estudiosos. A partir desse marco social, surgem novas palavras para atender à necessidade circunstancial da comunidade. Sobre esta questão, Basílio infere que

As palavras são elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados. Quase sempre fazemos uso automático das

palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes essas unidades com que formamos os enunciados não estavam disponíveis para o uso e foram formados por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu. (BASÍLIO, 1987, p. 5).

Nesta dissertação, entendemos o exercício de nomear as coisas e os acontecimentos que ainda não foram nomeados como *função de rotulação* (ROCHA, 2008[1998]). Essa atividade é tão importante para o léxico, pois é ela que mantém a língua em movimento, em transformação, e o indivíduo exerce um papel social de nomear a realidade que o cerca e, por meio das novas unidades lexicais neológicas, ditas os neologismos, marca o seu fazer social em sua comunidade. É da sociedade para a língua.

O que nós estamos chamando, nesta pesquisa, de atividade de nomear a realidade, Gonçalves chama de ato de nomear novas experiências. Segundo o autor, os neologismos surgem quando aparecem *novos fenômenos* como, por exemplo, novas profissões

Podem ser considerados relativamente recentes ofícios como *chapeiro* ('aquele que trabalha na chapa, fazendo, por exemplo, hambúrgueres') e *cachorreiro* ('aquele que passeia com cachorros'), ambos criados a partir da adjunção do sufixo *-eiro* a formas vernaculares (nativas). Também é recente a contratação de pessoas para tomar conta de idosos, população cada vez maior nas sociedades modernas. A forma *cuidador*, totalmente vernácula, foi utilizada para nomear esse tipo de profissão. (GONÇALVES, 2016, p. 13).

Assim, em uma perspectiva mais ampla, a função de rotulação está associada ao ato de nomear o que ainda não foi nomeado, em outras palavras, "está ligada à pragmática, à cultura, à História, à tecnologia, enfim, ao mundo que nos cerca". (ROCHA, 2008[1998], p. 79).

Como apresenta Rocha, a função da criação e uso do neologismo vai muito mais além de testar a possibilidade de formação que o léxico, por ser dinâmico, permite. Vai além de simplesmente usar a criatividade que o falante tem em formar novas palavras. Vai além de questões de estética e de inovação. A função rotulação institui a posição do falante no universo social em que ele está inserido, isto é, formando novas palavras, o indivíduo marca linguisticamente e, sobretudo, estilisticamente seu grupo social frente a sua

cultura e a sua história. E é por fazer parte de uma realidade sócio-histórica e cultural que ele possui essa prerrogativa.

3.3.2 Função atitudinal

A função atitudinal, nomeada por Basílio de função expressiva de avaliação, surge com a necessidade de marcar o ponto de vista do sujeito-falante, isto é, o falante expressa uma atitude subjetiva em relação ao enunciado. (BASÍLIO, 1991).

Olhando para os dados que serão descritos e analisados na nossa pesquisa, entendemos que o *blogueiro*, ao usar o neologismo no espaço virtual em que ele trata de política do Maranhão, tem como interesse expressar, por meio dos processos potenciais que o sistema da língua oferece, a sua marca estilística que configura a identidade social dele e que ao mesmo tempo interfere na formação da identidade social dos outros participantes de sua comunidade.

Como já dito indiretamente, uma comunidade de prática não tem um perfil sociolinguístico homogêneo, pois ela recebe interferências sociais de outras comunidades, o que faz, por exemplo, os integrantes da comunidade serem e terem um perfil sociolinguístico heterogêneo. Assim, esses indivíduos participantes da comunidade de prática, neste caso os *blogueiros*, identificam-se e se envolvem por meios de práticas socioestilísticas, as quais os fazem pertencer a uma comunidade.

Reconhecemos, ainda, que o uso dos neologismos é uma das marcas sociolinguísticas da comunidade de prática dos *blogueiros*. Isso implica que o participante da comunidade de prática expressa sua subjetividade por meios desses usos, reforçando a ideia expressa por Gonçalves que explicita que é por meio da função atitudinal que “se externalizam as atitudes e crenças do emissor e a necessidade que se tem de expressar o ponto de vista, seja em uma impressão positiva [...] ou negativa [...]”. (GONÇALVES, 2016, p. 24).

Em outras palavras, a função atitudinal se configura por meio da manifestação das atitudes subjetivas do falante que cria e usa neologismos para expressar uma apreciação, valorização, desvalorização, crítica, julgamento, pejoratividade. Como aponta Basílio, “a pejoratividade é,

naturalmente, o caso por excelência da expressão subjetiva em relação ao enunciado ou alguma de suas partes. (BASÍLIO, 1991, p.74).

Assim, reforçamos a nossa tese embasada nas ideias do linguista Gonçalves ao afirmar que

O emissor pode externar seu ponto de vista através do uso de determinadas marcas morfológicas, o que justifica afirmar que o significado dos afixos pode alterar pragmaticamente (em função do contexto ou da interação linguística). Novas palavras complexas podem veicular juízos de valor e sinalizar impressões subjetivas do falante. (GONÇALVES, 2016, p. 21).

Consideramos crucial este momento da configuração do objeto desta pesquisa, porque, ao mesmo tempo em que o neologismo aparece concretamente como elemento linguístico, ele ganha outros sentidos mais abstratos entre os *blogueiros*, por meio do conceito de uso que entre eles ressoa como marca socioestilística de uma comunidade de prática.

3.3.2.1 Sobre os efeitos de sentido como categorias de análise

A princípio pensamos em efeitos²⁷ de sentido como a ironia²⁸, o pejorativo²⁹, a crítica construtiva, o humor, e chegamos mesmo a descrever alguns neologismos com base nessas categorias. Como identificamos também aí a complexidade que muitas vezes misturava a ironia e o humor por causa das diferentes possíveis recepções, optamos por trabalhar com duas subcategorias de efeitos³⁰ da função atitudinal: o riso/tolo, como aquele que marca o humor, a graça, mas sem nenhum entendimento ou crítica; e o riso/sério³¹, que marca o humor, mas de uma forma consciente da realidade, isto é, aquele que entende o que está por trás do humor.

²⁷ Usaremos nesta dissertação o conceito de efeitos de sentido sem nos comprometermos com nenhuma corrente teórica.

²⁸ Segundo o Aurélio, ironia é a expressão ou o gesto que dá a entender, em determinado contexto, o contrário ou algo diferente do que significa.

²⁹ Segundo o Aurélio, pejorativo é atribuição de significação desagradável, insultora, torpe ou obscena.

³⁰ Nesta dissertação, estamos levando em consideração como subcategorias da função atitudinal o riso/tolo e o riso/sério, segundo Jorge Minois (2003). Elas abarcam as noções de humor, piada, ironia, pejoratividade, efeito depreciativo e afetivo. Estas últimas empregadas sem comprometimento teórico específico.

³¹ Optamos, nesta dissertação, por usar o termo 'riso sério' por acharmos a expressão mais comum.

Queremos esclarecer que, por não ser o objeto desta investigação, não iremos apresentar um estudo verticalizado sobre essas subcategorias, embora existam várias publicações acerca desses efeitos, pois esses conceitos são discutidos desde a Antiguidade, pela concepção filosófica, de pensadores como Platão e Aristóteles.

Estamos usando esses dois conceitos para ler e fundamentar os efeitos que surgiram a partir do uso dos neologismos empregados em um contexto político maranhense no espaço do *blog* político, ambiente que possibilita um movimento entre a língua formal, por tratar de questões políticas do estado e a língua informal, por apresentar, na maioria das vezes, essas temáticas de forma cômica, sarcástica, pejorativa, depreciativa, entre outros efeitos de sentido.

Sustentamos essas subcategorias por meio da pesquisa de George Minois que discute sobre a história do riso e do escárnio. Para o autor, o riso se revela pela imperfeição, pelo defeito, neste caso, pela corrupção no seu sentido mais amplo. O riso é misterioso e se alterna com a agressividade, o sarcasmo, o amigável, tomando nuances de humor e ironia; burlesco e grotesco, numa ambivalência intraduzível (MINOIS, 2003). Desta forma, compreendemos, nesta dissertação, que o riso tolo e o riso sério se fundem e oscilam de um lado para outro.

Assim, o uso do neologismo no *blog* político poderá provocar o riso naquele quem lê, pois é o leitor que dará o sentido ao uso de uma unidade lexical neológica. Por este motivo, reconhecemos que o riso não será o mesmo, em outras palavras, nem sempre o uso de um neologismo como <Caostelo> poderá provocar só o riso tolo ou só o riso sério. Neste ponto, defendemos que os efeitos provocados pelo uso de neologismos ocorrentes em *blogs* políticos podem oscilar entres os dois risos defendidos nesta investigação de mestrado.

O riso é um objeto que já inspirou muitas pesquisas. Parece exigir um entendimento fácil diante das coisas, mas diz respeito à visão mais ou menos aprofundada do homem diante da existência.

Ao elegermos o riso como subcategoria da função atitudinal, avaliativa, diante dos neologismos, não poderíamos abrir mão de chegar ao efeito último,

quase involuntário de uma reação que se chama riso. Ele pode ir de uma simples contração no canto da boca a uma gargalhada e, por mais que tentemos, não é possível prever qual efeito um neologismo, como por exemplo WC ou candidato-banheiro, pode provocar, mas podemos afirmar que esses neologismos podem gerar diversos efeitos de sentido entre eles, o riso tolo e/ou o riso sério.

Desta forma, compreendemos que o neologismo não guarda o riso de um jeito ou de outro, ele provoca o riso em quem lê: ou no *blogueiro* que lê a realidade; ou no pesquisador que lê o processo criativo, o uso e a realidade; ou em qualquer leitor que tenha acesso ao *blog* expressivo dessa mesma realidade.

Apesar do interesse que o riso desperta, como efeito do uso de neologismo nos *blogs* políticos maranhenses, não podemos esquecer que ele é uma subcategoria e que, neste momento, não nos cabe explorá-lo no decorrer da história de suas manifestações. Cabe, entretanto, depois de ler Minois (2003), fazer uma escolha entre as concepções de riso que historicamente se apresentaram. Optamos, como classificação que mais se dá aos efeitos mais expressos no uso dos neologismos nos *blogs*, pela de Schopenhauer, a qual Minois (2003) historiou.

Ainda sobre as características do riso, Minois diz que:

Com certeza, esse riso é amargo: o que chamamos de gargalhada zombeteira parece mostrar triunfalmente ao adversário vencido quanto os conceitos que ele acalentara estavam em contradição com a realidade que agora se revela a ele. O riso amargo que nos escapa, sem querer, quando descobrimos uma realidade que destrói nossas esperanças mais profundas é a expressão viva do desacordo que percebemos, nesse momento, entre os pensamentos que nos inspiraram uma tola confiança nos homens e na fortuna e a realidade que agora está diante de nós. Aquele que não leva nada a sério, que não crê em nada e que ri de tudo é um patife vulgar, cujo riso não tem sentido. De qualquer forma, só há dois tipos de riso: **o tolo e o triste**. SCHOPENHAUER *apud* MINOIS, 2003, p.516). (Grifos nossos)

Estamos chamando, nesta investigação, de **riso tolo** o que resulta da reação de achar algo engraçado. Aquele “que não leva nada a sério, que não crê em nada e que ri de tudo”; o riso vulgar e sem sentido. E **riso triste**, o que amarga diante da realidade que se mostra “expressão viva do desacordo com a tola confiança” na humanidade.

CAPÍTULO 04

Se, por outro lado, entendermos que a existência real e efetiva de um neologismo só será assim considerada se ele for incorporado ao uso real e efetivo de uma vasta comunidade linguística e não se limitar a um pequeno grupo de usuários ou, mesmo, a uma única ocorrência, para nós terão valor até mesmo as preciosidades ou curiosidades de apenas um usuário.
(PILLA, 2002, p. 12)

4 A PESQUISA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo essencial da pesquisa, iremos fazer a descrição dos neologismos selecionados nos quatro *blogs* investigados que tratam de política do Maranhão, a fim de perceber a regularidade quanto aos processos de formação das novas unidades lexicais. Ainda buscamos descrever, além da tipologia neológica, os feitos produzidos pelo uso que vão gerar consequências não só linguísticas, não só sociolinguísticas, mas também socioestilísticas na constituição de uma comunidade de prática.

Dessa forma, descreveremos os neologismos em uma ficha de descrição neológica com os campos preenchidos, para que o leitor possa ter uma visão completa dos neologismos selecionados; uma visão não só do seu processo de formação, da tipologia, da categoria gramatical a que pertence, mas do efeito produzido pelo seu uso no contexto em que foram encontrados.

Assim, dividiremos esse capítulo em dois tópicos: **4.1 Neologismos formais**, que será subdividido em: fichas de descrição dos neologismos formais por processo de derivação; fichas de descrição dos neologismos formais por processo de composição; fichas de descrição dos neologismos formais por processos “marginais”. **4.2 Neologismos semânticos**, que será subdividido em: fichas de descrição dos neologismos semânticos por processo metafórico e fichas de descrição dos neologismos semânticos por processo metonímico.

Destacamos, ainda, mesmo que já tenha sido mencionado na metodologia desta investigação, que não nos propusemos a realizar, em nenhum momento, uma pesquisa quantitativa, para que a quantidade dos dados, aqui os neologismos, passasse a ser o mais relevante para a comprovação das nossas hipóteses. Por esse motivo, direcionamo-nos a olhar para a pesquisa pelo viés qualitativo, por acreditarmos que a repetição desse uso pelos *blogueiros* não está sendo analisada pelo critério da quantidade, mas pelo valor da qualidade de uma consequência socioestilística para uma comunidade de prática e as repercussões sociais desse uso para ela, de tal forma que possa chegar a ser considerado um elemento de identificação sociolinguística dos *blogueiros*, o qual se repete entre eles.

4.1 Neologismos formais

Estamos levando em consideração para a descrição dos neologismos formais a classificação disponível na gramática e aquela que é considerada marginal por Gonçalves (2016). No caso da classificação disponível, nesta pesquisa, encontramos os processos de formação que se manifestam pela derivação prefixal, sufixal, prefixal e sufixal; também pela composição por justaposição e aglutinação.

Gonçalves (2016) registrou, em suas pesquisas, outros processos que ainda não estavam teoricamente classificados e denominou de processos “marginais”, também nomeados por outros autores como “processos subsidiários” (ROCHA LIMA, 2002), “outros processos” (CUNHA, 1985), “demais processos” (CUNHA; CINTRA, 1985), “tipos especiais” (BECHARA, 2009), e “processos imprevisíveis” (ZANOTTO, 1989), além de outros.

Sobre essa formação marginal, levaremos para a análise dos dados desta pesquisa a classificação de Gonçalves (2016) que considera como marginais o truncamento, o cruzamento vocabular, a reduplicação, a hipocorização, a siglagem e os padrões de flexão. Nesta pesquisa, somente alguns foram encontrados. Apresentaremos as fichas com as descrições dos neologismos selecionados, sinalizando, a partir do contexto em que o neologismo foi empregado, os efeitos produzidos. Em seguida, apresentaremos

a análise da unidade lexical neológica sob a perspectiva sociolinguística, focalizando as consequências do uso do neologismo na prática estilística dos *blogueiros* que tratam da política maranhense.

4.1.1 Fichas de descrição dos neologismos formais por processos de derivação

Apresentaremos a seguir as fichas de descrição neológica com o objetivo de descrever e apontar os traços linguísticos que marcam a prática estilística dos *blogueiros* como uma comunidade de prática.

NEOLOGISMO: Sarneyzar
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Derivação sufixal
CATEGORIA GRAMATICAL: Verbo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: www.luispablo.com
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense (<i>crítica ao fato de o candidato Wellington do Curso ter se aliado à família Sarney</i>).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “[...] A reportagem diz ainda que a ex-governadora Roseana Sarney defendeu o apoio à candidatura de Wellington, que tenta esconder da população de São Luís seus aliados, assim como vem fazendo com o deputado federal Waldir Maranhão.”
EXCERTO: <“Folha de São Paulo confirma: Wellington do Curso sarneyzou ” > e <“ [...] Ocorre que já não é mais novidade para ninguém – nem mesmo para a grande imprensa, Wellington do Curso sarneyzou .”> (2 ocorrências)
DATA: 19 de setembro de 2016.
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 01 – Neologismo Sarneyzou

NEOLOGISMO: Sarneyzar
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Derivação sufixal

CATEGORIA GRAMATICAL: Verbo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: http://silviatereza.com.br
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense (<i>crítica à possibilidade de a candidata Eliziane Gama ter se aliado à família Sarney</i>).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Se não fechou com o PMDB, a candidata do PPS à Prefeitura de São Luís, deputada Eliziane Gama, terá sim apoio de expoentes do grupo Sarney nestas eleições. Em convenção realizada nesta sexta-feira (05), ela confirmou o apoio do PV, comandado pelo deputado estadual Adriano Sarney. .”
EXCERTO: <“ SARNEYZOU! Eliziane fecha com PV de Adriano Sarney e Sarney Filho...”> (1 ocorrência)
DATA: 05 de agosto de 2017.
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 02 – Neologismo Sarneyzou

A unidade lexical neológica <sarneyzou> obedece ao processo de formação de palavra existente na língua. A categoria gramatical desse neologismo é o verbo [X-(i/y)-zou]. Esse processo de derivação sufixal para formar verbos é mais produtivo com substantivos do que com adjetivos. (SANDMANN, 1996[1989]). Como podemos observar, essa unidade lexical é derivada da palavra ‘Sarney’. Assim, podemos concluir que, para formar essa palavra, chegou-se a esse modelo de operação lexical:

X= SUBSTANTIVO
X + IZAR (Sufixo que forma o verbo)
X » SARNEY + IZAR » SARNEIZAR » SANEYZAR

Como o som do /Y/ é o mesmo que o do /i/, houve uma substituição do grafema ‘i’ pelo grafema ‘y’. Como hipótese, acreditamos que ocorreu esse

fenômeno de substituição para marcar a palavra, isto é, o 'y', nesta unidade diz mais que o 'i'.

Em relação à semântica dos verbos [X + -IZAR], Sandman, em sua pesquisa, diz que é mais uniforme do que a semântica dos verbos [X + -AR], como se observa, a seguir

A semântica do verbo **-izar** é mais uniforme do que a do sufixo verbal **-ar**. Em geral se interpreta X + **-izar** como 'transformar em X, tornar(-se) X' como também 'adaptar a X'. *Trancredizar* e *monitorizar* significam 'adaptar a Tancredo e Montoro', respectivamente. (SANDMANN,1996[1989], p. 71).

Partindo da concepção de Sandmann em relação ao valor semântico de **-izar** como um agente que se transforma em X ou que se adapta a X, podemos perceber que o contexto em que a unidade lexical neológica <**sarneyzou**> foi empregada está de acordo com as definições apresentada pelo teórico. Além disso, o autor diferencia o valor semântico do sufixo verbal **-izar** e do sufixo verbal **-ar**.

Em geral se pode dizer que X-**ar** expressa uma ação que tem a ver com X. [...] Em grande voga estavam na imprensa brasileira, durante a campanha brasileira presidencial que terminou a 15 de janeiro de 1985, as formações novas, cuja base é um nome próprio. Elas significam 'apoiar X' ou 'proceder como X'. Exemplos: *trancredar*, *malufar*, *curiolar*. E quando se trata do adversário político ou do político detestado, o verbo pode significar até 'fazer um mal governo'. **Brizolar**, por exemplo, é no corpus empregado com conotação pejorativa. (SANDMANN,1996[1989], p. 69).

Ainda sobre a comparação desses dois tipos de sufixação verbal, o autor apresenta outra diferença, a formação **-izar** pertence à língua formal, enquanto a formação **-ar** pertence à língua informal.

Quanto ao efeito produzido, essa formação denota um sentido de pejoratividade, ou seja, essa palavra não agrega valor aos candidatos mencionados nos textos dos blogueiros. Pelo contrário, subtrai. Além disso, demonstra uma mudança de postura política, o que sugere que o candidato não era adepto do grupo Sarney, pois a palavra **sarneyzou** expressa ideia de transformação. Acreditamos que essa ideia de pejoratividade está ligada à base lexical **sarne**[yzou] e não ao sufixo.

Algo interessante é que o mesmo neologismo quando é empregado em algum contexto, passa também a ser usado por outros *blogueiros*, como é o caso da referida palavra que não foi usada apenas por esses dois blogueiros selecionados, mas por outros também. Acreditamos que, no momento, em que o outro *blogueiro* passa a usar o mesmo neologismo, há um sinal de que ambos pertencem ao mesmo grupo, e que compartilham o mesmo interesse.

NEOLOGISMO: Sarneisista
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Derivação sufixal
CATEGORIA GRAMATICAL: (2) 1. Adjetivo 2. Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: jornalpequeno.blog.br/johncutrim
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (Sarneisistas históricos não escondem a paixão pelo candidato Eduardo Braide).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “O ex-deputado Joaquim Haickel e o ex-secretário Washington Rio Branco já não escondem a paixão pelo candidato Eduardo Braide.”
EXCERTO: <Paixão sarneisista >; < Sarneisistas históricos, como o ex-deputado Joaquim Haickel e o ex-secretário Washington Rio Branco, já não escondem a paixão pelo candidato Eduardo Braide.>
DATA: 29 de agosto de 2016.
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 03 – Neologismo Sarneisista

NEOLOGISMO: Sarneysista
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Derivação sufixal
CATEGORIA GRAMATICAL: (2) 1. Adjetivo 2. Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: jornalpequeno.blog.br/johncutrim

ÂMBITO TEMÁTICO: De forma serena, mas com um discurso muito emocionante e vibrante, Wellington do Curso conclamou a militância do PP, PSB, PSD e PHS para juntos marcharem por uma nova São Luís.
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “O candidato a Prefeitura de São Luís pelo PP, também bateu forte na atual administração, ele afirmou que a atual gestão precisa ser substituída.”
EXCERTO: <“Não sou dinista , nem sarneysista . Estou ao lado do povo de São Luís”, anuncia Wellington do Curso.>
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 04 – Neologismo Sarneysista

O sufixo **-ista** é usado para formar substantivos como o caso dos neologismos “sarneisista” e “sarneysista” que também pode ser empregado como um adjetivo. Segundo Sandmann (1996[1989]), essa forma sufixal tem várias cargas semânticas, tais como: “seguidor ou simpatizante de um político” (p. 43), “membro de um partido”, “emprego ou ocupação”, “adepto de uma doutrina ou orientação política, sociológica, literária ou filosófica”, “fã de um clube esportivo” (p. 44). Assim, podemos afirmar que esse elemento sufixal é muito produtivo na língua portuguesa. Nesta dissertação, o neologismo <sarneisista> foi empregado com o sentido da primeira acepção apresentada, o que vai gerar um efeito de sentido negativo ao candidato, efeito que aqui chamamos de irônico e pejorativo. Já o neologismo <sarneysista> foi empregado com o sentido de “coligação, adepto de uma orientação política”. Dessa forma, podemos perceber que ambas as formas <sarneysista> e <sarneisista> se referem à oligarquia Sarney e que podem ter ou um sentido mais restrito ou um sentido mais amplo.

O efeito irônico é ratificado, porque o candidato que antes se posicionava contra a forma de governo da família Sarney passou a ser adepto, segundo o texto do *blogueiro*, da política “sarneysista”. Já o efeito pejorativo é sustentado, porque essa unidade lexical neológica está qualificando o candidato que era da oposição, e como a imagem do grupo Sarney é desgastada, passou a ter um valor negativo, um valor pejorativo.

NEOLOGISMO: Roseanista

TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Derivação sufixal
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: www.luispablo.com
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (Crítica ao perfil interesseiro de Stênio Rezende).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “O deputado estadual Stenio Rezende é o tipo de político que não tem posição e nem lado. Quem está no governo ele passa a ser governista, isso com o único objetivo de se beneficiar.”
EXCERTO <“ Ex-roseanista , Stênio Rezende agora quer peitar o governo em São Félix de Balsas.”[...]“Agora, ex-roseanista , Stênio Rezende pretende peitar o candidato do governo...”> (2 ocorrências).
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 05 – Neologismo Roseanista

O neologismo “roseanista” é um caso nítido que confirma que o sufixo -**ista** varia seu valor semântico dependendo do contexto. Na ficha cinco, há duas palavras com o referido sufixo, uma já está dicionarizada (governista), a outra (o neologismo em questão) trata-se de uma unidade lexical neológica. O que há em comum entre essas duas palavras é que ambas têm um efeito risível. A palavra ‘governista’, segundo o dicionário Houaiss, é usada como sinônima da unidade lexical ‘situacionista’. Esse sentido é ratificado pelo neologismo <**roseanista**>. Assim, entendemos que o uso desse neologismo, neste contexto, atribui ao candidato em questão um teor depreciativo, sinalizando por meio do neologismo que o candidato sempre se alia ao grupo que está no poder por uma questão de interesse pessoal, para se manter na situação.

NEOLOGISMO: Holandinha
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Hipocorização

CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (previsão do segundo turno de acordo com Data M)
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Nos cenários de segundo turno da pesquisa Data M, divulgada nesta sexta-feira (9) pela TV Difusora, o prefeito Edivaldo Holanda Junior (PDT) também vence os dois principais adversários com ampla vantagem.”
EXCERTO <No primeiro cenário, em uma eventual disputa com Eliziane Gama, Edivaldo estaria reeleito 50,6% das intenções de voto, contra 21,5% da candidata do PPS. Holandinha crava 45% contra 35,9% do apavonado ex-dono do Curso Wellington.>
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: () Rotulação (X) Atitudinal

Figura 06 – Neologismo Holandinha

Classificamos a formação da unidade lexical neológica <holandinha> como hipocorística e não sufixal por ter o sufixo **-inho** agregado à base do nome próprio Holanda. Essa definição está ancorada nos estudos de Gonçalves (2016a) que conceitua a hipocorização como “o processo morfológico pelo qual antropônimos são encurtados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original” (GONÇALVES, 2005, p. 08).

Como podemos observar, o termo <Holandinha> não é um processo simplesmente de sufixação. Chamamos de hipocorização, porque esse elemento se juntou a um antropônimo, isto é, a um nome próprio e que não gerará necessariamente um efeito de minuto de afetividade, mas há diversas possibilidades de efeitos a partir do contexto em que a unidade lexical for usada além da leitura particular de cada indivíduo acerca do uso de qualquer unidade lexical hipocorística.

Lage (2016) ainda chama atenção a esse processo de formação, por defender que não está ligado apenas à estrutura, à morfologia, mas também à fonologia, como se vê a seguir.

A hipocorização não deve ser entendida apenas como um processo morfológico, mas como um típico caso de interface morfologia-fonologia, já que a perda de segmentos fônicos, condicionada por questões de ordem morfoprosódica, atribui ao item lexical um caráter afetivo, típico dos encurtamentos. (GONÇALVES, 2016b, p. 80).

No entanto, a forma **-inha**, neste caso no neologismo “Holandinha”, nem sempre gerará a diminuição do nome e nem sempre gerará também o sentido de afetividade. Dessa forma, reforçamos que o sentido vai depender da intenção que o *blogueiro* quer agregar, se é um valor positivo à campanha eleitoral do candidato ou um valor negativo, como se observa na ficha a seguir.

NEOLOGISMO: Holandinha
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Hipocorização
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://www.luizpablo.com.br/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (Crítica à qualidade da reforma da Praça da Lagoa).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “A inauguração da Praça da Lagoa entregue pelo governador Flávio Dino (PCdoB) e o prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior (PDT), foi marcada por um trágico incidente envolvendo duas crianças.”
DATA: 29/06/2016
EXCERTO: <Praça da Lagoa inaugurada por Flávio Dino e Holandinha é um perigo.>
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: () Rotulação (X) Atitudinal

Figura 07 – Neologismo Holandinha

Observando o excerto da figura 07, podemos dizer que o neologismo <Holandinha> foi empregado não mais de uma forma positiva, mas com o sentido depreciativo, ridicularizando a competência do candidato em questão em relação à gestão municipal, ao dizer que a Praça da Lagoa recém-formada apresenta defeitos que põem crianças e adultos em risco.

Sobre o sufixo **-inho**, não mais relacionado ao nome próprio, mas a qualquer outro lexema, Sandman infere que “o aspecto meliorativo ou pejorativo muitas vezes só depende do contexto ou da situação, o que faz parte do lado pragmático da linguagem” (p. 40). Assim, reforçamos que a nossa análise de categorização dos efeitos produzidos está sendo sinalizada a partir do contexto de uso do neologismo.

4.1.2 Fichas de descrição dos neologismos formais por processo de composição

NEOLOGISMO: Sarnopetista
TIPO DE NEOLOGISMO: formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: composição por justaposição
CATEGORIA GRAMATICAL: substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://silviatereza.com.br/2016/07/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (respostas às provocações do blogueiro “Bob Sarney”)
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Eu respondi hoje (16), pelo Twitter e agora por este blog que edito, às provocações mesquinhas e subalternas do blogueiro “Bob Sarney” (Roberth Lobato) em uma publicação deselegante [...]”
EXCERTO <Mas, como eu não sou de guardar almoço para a janta e não me intimido por qualquer ataque machista, subalterno e baixo, devo dizer a “Bob Lobato”, ops “Bob Sarney”, um sabujo da família Sarney e que não perde a sua condição de “ sarnopetista submisso”>
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
DATA: 16/09/2016
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 08 – Neologismo Sarnopetista

O neologismo <**sarnopetista**> é formado pelo processo de composição por justaposição. O uso desse neologismo nesse contexto terá o efeito pejorativo, depreciativo, pois essa nova forma irá fazer uma crítica acerca do político que se aliou à oligarquia Sarney.

Afirmamos que o referido neologismo exerce a função de rotulação, por nomear especificamente o grupo sarneysista com alianças petistas. Em outras palavras, esse neologismo se justapõe não só formalmente, mas semanticamente, dando ideia de união partidária, e manifesta as fragilidades das opções políticas no Brasil. Assim, esse termo consegue expressar objetivamente o dizer do blogueiro. Isso nos leva a interpretar que não há outro termo ou outra palavra que também seja tão específica ou tão objetiva para expressar o sentido desejado por ele.

Essa unidade lexical neológica também exerce a função atitudinal, isto é, subjetiva ou avaliativa, pois é por meio do uso do neologismo que o *blogueiro* faz avaliações acerca dos projetos e atitudes dos candidatos. O uso das unidades lexicais neológicas é uma das marcas sociolinguísticas e socioestilísticas, visto que essa prática marca a preferência que cada *blogueiro* tem. Se tiverem as mesmas preferências e compartilharem das mesmas práticas, como o uso dos mesmos neologismos, com o mesmo teor avaliativo, para os mesmos candidatos, estarão enlaçados como uma comunidade de prática. Assim, o neologismo passa a ter uma significância maior, pois ele é uma das marcas que forma o laço sociolinguístico entre os membros dessa comunidade.

O neologismo <Sarnopetista> se repete em outras publicações de outros *blogueiros* as quais não foram selecionadas para análise desta dissertação. Mas mostra que o fato de outros *blogueiros* fazerem uso desse mesmo neologismo representa além de partilhar interesses comuns, quer linguísticos, quer discursivos, quer políticos, partilham também uma identidade que é constituída por meio da prática estilística ou socioestilística.

NEOLOGISMO: Candidato-banheiro
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Composição por justaposição
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/

ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. Mascaramento de Wellington do Curso que faz críticas a atos arbitrários, mas se beneficia deles.
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: "...nega os Sarney, culpa o irmão pela grilagem de terreno dos velinhos do FEPA, mas não explica por que não paga IPTU, IPVA, ISS, INSS, CONDOMÍNIO TOSCANA, CORREIOS etc.).
EXCERTO <"O candidato-banheiro (WC) se faz de vítima."> (uma ocorrência neste texto)
DATA: 30/09/2016
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 09 – Neologismo Candidato-banheiro

Embora as palavras ‘candidato’ e ‘banheiro’ já estejam dicionarizadas nos principais dicionários da língua portuguesa, consideramos ainda assim como neologismo formal, por dois motivos. Primeiro, porque essas duas palavras se tornaram uma só, um bloco só que gera um sentido diferente do sentido das palavras isoladas. Segundo, porque a unidade lexical ‘candidato-banheiro’ não está registrada em nenhum dicionário da língua portuguesa.

Por meio do processo de formação de palavras compostas por justaposição, as palavras ‘candidato’ e ‘banheiro’ perdem suas cargas semânticas e passam a adquirir outra. Analisando a carga semântica, a partir da formação do referido neologismo, observamos que a segunda palavra está qualificando a primeira. Assim, há uma relação do tipo DM (determinante) + DT (determinado) nessa unidade lexical neológica. Segundo Sandmann (1992), esse tipo de formação é chamado de compostos predicativos, pois a segunda palavra irá qualificar a primeira. Neste caso, ‘banheiro’ irá qualificar ‘candidato’.

Dessa forma, podemos inferir que o uso do neologismo <**candidato-banheiro**> produz consequências socioestilísticas, neste caso, produzindo os efeitos de riso tolo e de riso sério, pois dependendo da recepção, por meio dele se manifestam o humor, mas também se manifestam o pejorativo; nele se manifestam a piada, como também o depreciativo. Assim, percebemos que a separação entre esses efeitos não é tão simples quanto parece, não é tão visível, quando é feita uma terceira ou quarta leitura desse neologismo. Por

esta complexidade entre tais efeitos, este neologismo pode sinalizar para o riso tolo e para o riso sério, pois acreditamos que tal determinação está além do excerto.

Podemos inferir que tanto a função de rotulação quanto a função atitudinal permeiam esse neologismo. Entendemos, assim, porque o *blogueiro* usa a referida unidade lexical para nomear, rotular o candidato; e atitudinal, porque o *blogueiro* usa o referido neologismo como uma prática estilística avaliativa, isto é, usa-o para expressar seu posicionamento acerca do candidato que se assemelha a banheiro.

O interessante é que esse neologismo surgiu a partir de outro neologismo, <WC>, muito usado entre os *blogueiros* para referir-se ao candidato Wellington do Curso. Esses neologismos, em específico, respondem à pergunta central desta investigação, pois, ao percebermos que essas unidades lexicais neológicas perpassam um texto para outros textos do mesmo *blogueiro* ou de outros *blogueiros*, isso ratifica que há laços sociolinguísticos, ou melhor, laços socioestilísticos entre os participantes desta comunidade de prática.

Dessa forma, percebemos que os *blogueiros* estão engajados por ter interesses em comum. Assim, desenvolvem atividades ou práticas para alcançar algum objetivo comum. Essas práticas se revelam ou se confirmam pela prática estilística que, nesta dissertação, estamos chamando de socioestilística, por entender que o uso desses neologismos vai gerar consequências sociolinguísticas.

NEOLOGISMO: áudio-bomba
TIPO DE NEOLOGISMO: formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: composicional por justaposição
CATEGORIA GRAMATICAL: substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://luispablo.com.br/page/3/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (O candidato Eduardo Braide é acusado de chamar o professor da UFMA de 'preto-urubu').

RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Braide foi acusado de racismo por um professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em entrevista ao Blog do Neto Ferreira”.
EXCERTO <Áudio-bomba! Professor da UFMA acusa Eduardo Braide de racismo.>
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÕES NEOLÓGICAS: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 10 – Neologismo áudio-bomba

Pensamos a priori que a palavra áudio-bomba estivesse dicionarizada, mas só encontramos outras como homem-bomba, carro-bomba, área-bomba, anti-bomba etc., fizemos essa inferência no momento, por já ter ouvido várias vezes essa palavra. Isso confirma que nem todo neologismo é tão transparente, pois quando uma palavra é usada com frequência por um grupo social, ela perde as características de neologicidade para aqueles indivíduos que a usam, mesmo que a palavra ainda não seja dicionarizada.

Além disso, podemos afirmar que todas as palavras aqui mencionadas foram empregadas no sentido denotativo. No caso do neologismo <áudio-bomba>, a segunda palavra está sendo empregada com valor semântico conotativo, isto é, ela atribui características de sentido da palavra ‘bomba’ a ‘áudio’ por meio do recurso linguístico metafórico, com o objetivo de expressar que o áudio é impactante e também, neste contexto, é destruidor, pois atribui valor negativo à campanha eleitoral do candidato citado no excerto.

Quanto às funções, esse neologismo exerce tanto a função de rotulação, por nomear um tipo de áudio que é impactante; quanto a função atitudinal, pois, por meio do uso, o *blogueiro* marca estilisticamente o seu dizer como *blogueiro*.

4.1.3 Fichas de descrição dos neologismos formais por processos “marginais”

Estamos entendendo, nesta dissertação, como processos “marginais”, as formações que não foram contempladas pela gramática normativa. Assim, fundamentaremos nos estudos de Gonçalves (2016).

NEOLOGISMO: Caostelo
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Cruzamento vocabular
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: POLÍTICA MARANHENSE. (REFERE-SE À DEFESA ESCORREGADIA DE JOÃO CASTELO DIANTE DO CAOS DEIXADO POR ELE COMO GESTOR DA CIDADE DE SÃO LUÍS.)
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Nos bastidores da política, quando o ex-prefeito João Castelo (PSDB) diz que é ficha limpa ou se defende do caos deixado como gestor de São Luís, automaticamente vira a “piada pronta” do dia. Credibilidade zero. Mas ainda ele insiste na imagem de inocente que não convence nem mais o incauto e desconhecedor do jogo político”
EXCERTO <O discurso escorregadio de João “ Caostelo ”.>
DATA: 15/08/2016
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÃO: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 11 – Neologismo Caostelo

Fundamentados nos estudos de Gonçalves, classificamos <caostelo> como cruzamento vocabular. O autor define-o como “um processo de formação de palavras que consiste na fusão de duas bases, como *mautorista* (junção de *mau* com *motorista* = ‘motorista sem perícia’)” (2006a, p. 76). Nesta investigação, selecionamos o neologismo <**caostelo**>, junção das bases ‘caos’ + ‘Castelo’, formando o neologismo em questão para fazer referência à gestão municipal do ex-prefeito de São Luís, João Castelo.

Segundo Andrade, os cruzamentos vocabulares são usados, geralmente, com valor depreciativo, pejorativo, irônico. Sobre a característica desse tipo de formação, Sandmann infere que “o traço que caracteriza muitos cruzamentos vocabulares é a sua especificidade semântica, isto é, eles vêm muitas vezes carregados de emocionalidade, sendo que esta é depreciativa, às mais das vezes, com pitadas de ironia” (SANDMANN, 1991, p. 59).

Assim, afirmamos que essa característica se confirma no uso do neologismo <caostelo>, pois o uso da referida unidade lexical neológica implica nos sentidos depreciativo, pejorativo e irônico. No entanto, podem conter também o humorístico. Por este motivo, preferimos usar na ficha de descrição neológica as subcategorias: riso tolo e/ou riso sério, pois compreendemos que, em relação às duas subcategorias, não há como determinar especificamente o efeito gerado pelo uso desse neologismo, pois compreendemos que esses efeitos estão imbricados, quase inseparáveis, pois um está no limiar do outro e depende do leitor. Não é o interesse principal desta pesquisa.

NEOLOGISMO: WC
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Siglagem
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (A prefeitura de São Luís paga melhor professores que o Curso Wellington)
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: Apesar dos lucros e da situação financeira estável, Wellington impõe um pesado regime de trabalho com salários baixíssimos a qual os profissionais são obrigados a aceitarem.
EXCERTO <"Além disso, WC costuma dizer que a educação e a valorização dos professores será uma das suas principais bandeiras. Difícil de acreditar depois da revelação desses números.>
EFEITOS PRODUZIDOS: (x) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÃO: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 12 – Neologismo WC

NEOLOGISMO: WC
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Siglagem

CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: silviatereza.com.br
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (Jornalistas apresentam documentos que comprovam dívida da empresa do candidato Wellington do Curso).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Candidato a prefeito de São Luís, Wellington do Curso (PP), ao que parece, ficou furioso com o trabalho de alguns profissionais da imprensa que, pautados em documentos, resolveram escancarar a sua fama de caloteiro e sonegador de impostos.”
EXCERTO <” A polêmica envolvendo Wellington do Curso em denúncias graves de calote também foi aproveitada em inserção eleitoral. O candidato à prefeito Fábio Câmara (PMDB) desqualifica WC e questiona o débito do IPTU do candidato empresário.”>
DATA: 22/09/2016
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÃO: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 13 – Neologismo WC

Consideramos, nesta dissertação, o processo de formação do neologismo <**WC**> como siglagem. Segundo Gonçalves (2004), a siglagem advém de uma marca da função de rotulação que serve para nomear uma nova circunstância ou acontecimento. Assim, o referido neologismo exerce a função de nomeação. Quando o *blogueiro* exerce essa prática linguística, ele rotula o candidato ‘de merda’ ou assemelha o candidato à palavra ‘WC’.

Para o autor, há duas tipologias de siglas: o acrônimo e o alfabetismo. Sobre as definições dessas tipologias, Gonçalves (2016a) diz que o primeiro é a sigla “cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como uma palavra comum da língua, a exemplo da recente UPA (Unidade de Pronto Atendimento)” (GONÇALVES, 2016a, p. 73), já o segundo é sigla “produzida de forma letrada, como UPP (Unidade de Polícia Pacificadora). Assim, o neologismo <**WC**> é classificado como siglagem por alfabetismo.

Além do neologismo ter a função de rotulação, também exerce a função atitudinal, isto é, por meio do uso do referido neologismo, o *blogueiro* faz a avaliação do candidato em questão, gerando efeitos humorísticos, afetivos, pejorativos, depreciativos, irônicos, entre outros que estão contemplados nas subcategorias riso.

NEOLOGISMO: W sem C
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO MORFOLÓGICO: Siglagem
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (Crítica à competência de Wellington de governar a cidade de São Luís)
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “O locutor também quer saber como um empresário enrolado em dívidas, leia-se mau administrador, deseja gerenciar a Prefeitura de São Luís, achar soluções para resolver os problemas da capital.”
EXCERTO <”W sem C não tem experiência, competência e principalmente governabilidade para comandar uma capital.”>(uma ocorrência)
DATA: 18/09/2016
EFEITOS PRODUZIDOS: (X) riso tolo (X) riso sério
FUNÇÃO: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 14 – Neologismo W sem C

A formação deste neologismo representa como é tamanha a competência lexical do falante, isto é, o indivíduo usa os diversos processos de formação de unidades lexicais que o sistema previsível da língua lhe possibilita e ele forma imprevisíveis unidades neológicas, a saber, neste caso, W Sem C. Falamos aqui imprevisíveis, por compreender que a referida unidade trata-se de um neologismo formal, no entanto, ao analisarmos o seu processo de formação, à primeira vista, essa categorização não surge tão rapidamente. Isso se dá, possivelmente, pela inusadíssima forma neológica que surgiu. Para Carvalho (1997, p. 9), “Além de testemunhar a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento”. Nesse sentido, pensamos ler sobre o uso do neologismo pela lupa sociolinguística, por entendermos que o indivíduo renova o léxico movido pelas circunstâncias e mudanças sociais por que o mesmo passa.

Neste momento, depois de várias discussões, chegamos a compreender a formação desta unidade neológica como um processo de siglagem, não como a tipologia alfabetismo, como foi classificado o neologismo da ficha 12, mas como um acrônimo, por entendermos que sua forma se apresenta por meio de letras iniciais de unidades lexicais (Wellington do Curso X Wellington sem Curso) + a unidade gramatical. Essa hipótese se confirma a partir da analogia com outras palavras formadas por esse tipo de processo. Por exemplo, a unidade lexical PC do B (Partido Comunista do Brasil) que é um tipo de siglagem mista (ABREU, 2009). Assim, deduzimos que o neologismo <W sem C> foi formado a partir deste processo de siglagem.

O efeito risível, o que provoca riso, está marcado pela própria operação morfológica do referido neologismo, o nome “Wellington do Curso” é substituído pelo “Wellington sem Curso”. Este último é usado entre os *blogueiros* para fazer referência sempre ao discurso proferido pelo próprio candidato de que não era mais dono da empresa “Curso Wellington”, a qual, na época, tinha várias dívidas, inclusive de pagamento de imposto municipal.

Nessa situação, os blogueiros, com intuito de produzir efeitos diversos, do riso tolo ao riso sério, ora alternam o uso do neologismo, ao denominar o candidato Wellington do Curso, entre Candidato-banheiro e WC; ora entre Wellington sem Curso e W sem C.

4.2 Neologismos semânticos

Como já foi discutido, no início deste capítulo, os principais processos de formação de neologismo semântico não se referem à forma, isto é, à estrutura da palavra, mas ao jogo linguístico que é formado por meio de processos semânticos da metáfora ou da metonímia, processos que são usados por uma comunidade para expressar uma ideia subjetiva (individual) ou uma ideia social, por meio de uma relação de semelhança (metáfora) ou de contiguidade (metonímia).

Além dos processos sistemáticos de formação de novas palavras possíveis como as combinações das formas lexicais, o sistema linguístico possibilita também extensões de sentido de uma unidade lexical já dicionarizada. Segundo Alves (1990), neste tipo de neologismo, há uma

extensão, um acréscimo ou uma variação na carga semântica. Isso nos leva a entender que o sentido está mais suscetível a mudanças do que a própria forma. Isso se confirma pelo fato de o falante fazer economia linguística (CARVALHO, 2000). Nesse sentido, é o indivíduo que pertence a uma comunidade quem exerce essa prática linguística para atender às necessidades comunicativas que foram surgindo a partir do uso da linguagem.

Segundo Bueno (1951), uma palavra nunca tem um único sentido, isto é, não há palavras que sejam monossêmicas, ou melhor, se há, são raras as palavras, antes sua significação vai se moldando e gerando outros sentidos. Assim, compreendemos que o sentido das palavras não é personalizado, como se fosse uma relação de um único conteúdo (significado) para uma única forma (significante), mas, sim, uma relação de possibilidades de uso por meio da criatividade lexical, neste caso, semântica.

Os neologismos semânticos geralmente são formados pela relação metafórica e metonímica. Não significa dizer que só são esses os processos que modificam a carga semântica de uma unidade lexical já dicionarizada. Especificando o que entendemos por metáfora, usaremos o conceito dado pelo dicionário Aurélio³² que define esse recurso linguístico como “tropo em que a significação de uma palavra é substituída por outra, só aplicável por comparação subtendida”. Já a metonímia, o Aurélio a define como “figura de retórica que consiste no emprego de uma palavra por outra com a qual se liga por uma relação lógica ou de proximidade”.

Partindo desses conceitos, reconhecemos que as relações de formação de neologismos semânticos pelo processo metafórico e pelo processo metonímico são complexas. É quase muito difícil definir a diferença entre esses dois processos, pois há uma similaridade em sua relação de sentido. No entanto, alguns autores apontam algumas características que diferem esses dois processos. Nesta dissertação, apresentaremos, também, a definição do Filipack que diz

Enquanto a metáfora trabalha com semas intralinguísticos (relações internas), a metonímia trabalha num processo referencial, com relações ontológicas, isto é, com realidades, objetos extralinguísticos

³² <https://dicionariodoaurelio.com/metafora>

(relações externas). Enquanto a metáfora mergulha no mundo interno da intuição, a metonímia se resolve nas realidades ontológicas do mundo exterior. (FILIPACK, 1984, p. 139).

Dessa forma, entendemos que a metáfora se realiza pelo processo de semelhança semântica de uma unidade lexical para outra unidade lexical que antes não tinha o novo sentido, passando a incorporar o sentido da outra palavra. Já no processo metonímico, essa relação se dá pela substituição mental de um termo pelo outro, a partir do processo referencial.

Nesta dissertação, pontuaremos apenas o processo de formação de neologismos semânticos pela relação metafórica, por ter sido o encontrado entre os dados, ao não ser em desconstruções feitas no interior das metáforas. Por exemplo, só foi possível chegar na expressão da língua portuguesa “candidato de merda” pela relação metonímica com banheiro, que tem sua relação de semelhança com candidato WC.

Analisamos apenas o neologismo-metáfora, chamando, assim, esse termo, por compreendermos que só podemos confirmar a nossa tese principal desta dissertação – o uso dos neologismos é uma das marcas socioestilísticas que criam laços sociolinguísticos entre os participantes da comunidade de prática dos *blogueiros* – se olharmos para a unidade neológica, a fim de averiguar se o uso de neologismos por processo metafórico é de fato um traço linguístico que marca a prática socioestilística da referida comunidade.

4.2.1 Fichas de descrição dos neologismos por processo metafórico

Apresentaremos a seguir as fichas de descrição neológica para mostrar os neologismos formados semanticamente por processos metafóricos.

NEOLOGISMO: Geladinho
TIPO DE NEOLOGISMO: Semântico
PROCESSO SEMÂNTICO: Metafórico
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: blog político maranhense

AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (Circulação de linha de micro-ônibus com ar condicionado).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Começou a circular nesta sexta-feira (16) uma linha de micro-ônibus com ar condicionado nas áreas do Centro, São Francisco, Jaracaty e Renascença.”
EXCERTO “ Geladinhos ” reforçam o sistema de transportes no Centro de São Luís. (uma ocorrência)
EFEITOS PRODUZIDOS: (<input type="checkbox"/>) riso tolo (<input checked="" type="checkbox"/>) riso sério
FUNÇÃO: (<input checked="" type="checkbox"/>) Rotulação (<input checked="" type="checkbox"/>) Atitudinal

Figura 15 – Neologismo Geladinho

A palavra geladinho é (i) um tipo de um picolé caseiro que é congelado em um saco plástico, geralmente vendido em casa ou por ambulantes. Esse tipo de picolé é conhecido popularmente em São Luís como ‘suquinho’. Além de geladinho é também chamado de sacolé, chopp, chup-chup, dindim, gelinho.

No entanto, a palavra geladinho, neste contexto, não está sendo empregada para denominar um picolé caseiro, mas para fazer referência aos novos ônibus climatizados que passaram a circular na cidade de São Luís.

Nesse sentido, há uma relação metafórica entre as formas “geladinho-picolé” e “geladinho-ônibus climatizado”, isto é, há uma relação de semelhança de sentido, pois assim como o ‘geladinho-picolé’ refresca o calor dos ludovicenses, o ‘geladinho-ônibus’ também.

Analisando a função desta unidade neológica semântica, consideramos tanto a função de rotulação, quanto a função atitudinal. Rotulação, porque o *blogueiro* nomeia o ônibus climatizado de geladinho, para enfatizar que é um transporte diferenciado dos que já circulam na Ilha de São Luís. Atitudinal, pois, ao nomeá-lo de geladinho, pretende provocar efeitos de sentido por meio da sua prática estilística, isto é, dependendo de quem ler, de quem ouve, pode ser provocado o riso tolo pela analogia de saber o quanto o geladinho já ajudou a enfrentar o calor de quem conhece o sacrifício de compartilhar suores e odores. O riso tolo, como já definimos no capítulo anterior, refere-se ao riso desentendido, ao riso dado sem propósito, o riso que é provocado apenas para

o riso, sem perceber as nuances implícitas que o emprego do referido neologismo gera em uma dada situação linguística.

O riso sério acontece diante de uma realidade que se expõe: uma total indiferença quanto ao sacrifício de uma população que, em sua maioria, precisa enfrentar o calor sem nenhum conforto, este que precisa ser uma manobra eleitoreira para ser entregue como amostra grátis à população.

Esse tipo de riso encontra, no sarcasmo, a realidade das coisas, aquele que entende o jogo linguístico metafórico e compreende o efeito que o *blogueiro* pretende provocar com o emprego do sentido da palavra ‘geladinho’ para o ‘ônibus climatizado’. Em outras palavras, é o riso sério, porque ridiculariza o fato de o uso do ônibus ‘geladinho’ não refrescar o calor de todos os ludovicenses, até porque essa preocupação não existe.

A área primeiramente escolhida para circular os ‘geladinhos’ foi a mais elitizada da cidade de São Luís como São Francisco, Jaracaty, Renascença e Centro. Os ludovicenses que moram nas áreas periféricas, menos centrais, apenas vislumbram, chupando ‘geladinho’, os novos ônibus climatizados que circulam nos lugares que eles trabalham.

NEOLOGISMO: Candidato-banheiro
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSOS SEMÂNTICOS: Metafórico e metonímico
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. Mascaramento de Wellington do Curso que faz críticas a atos arbitrários, mas se beneficia deles.
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “...nega os Sarney, culpa o irmão pela grilagem de terreno dos velhinhos do FEPA, mas não explica por que não paga IPTU, IPVA, ISS, INSS, CONDOMÍNIO TOSCANA, CORREIOS, etc.)
EXCERTO <“O candidato-banheiro (WC) se faz de vítima.”> (uma ocorrência neste texto)
EFEITOS PRODUZIDOS: (<input type="checkbox"/>) riso tolo (<input checked="" type="checkbox"/>) riso sério
FUNÇÃO: (<input checked="" type="checkbox"/>) Rotulação (<input type="checkbox"/>) Atitudinal

Figura 16 – Neologismo Candidato-banheiro

Retomamos este neologismo agora como semântico, por entendermos que há uma relação de sentido também metafórica na formação desta unidade lexical. A analogia metafórica é feita pela palavra banheiro que passa a transferir, nessa relação semântica, o seu sentido à palavra candidato. Em outras palavras, candidato passa a ser “candidato de merda”, numa relação metonímica com WC e banheiro.

É notável que o uso deste neologismo é bem marcado pela função atitudinal, pois o blogueiro, ao empregar esta unidade lexical neológica, faz uma avaliação que poderá provocar o riso tolo ou o riso sério. Defendemos aqui esta tese, pois acreditamos que o *blogueiro* deixa vagando na rede *blog* esses dois efeitos: (i) o primeiro que vai gerar só o humor pejorativo e depreciativo; (ii) o segundo que vai gerar a crítica em que outros indivíduos que pertencem a essa comunidade ou a outras comunidades e que passarão a reconhecer que este candidato não serve para gerenciar a cidade de São Luís, resumindo o candidato, ou melhor, assemelhando o candidato a banheiro.

NEOLOGISMO: Áudio-bomba
TIPO DE NEOLOGISMO: Formal
PROCESSO SEMÂNTICO: Metafórico
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: http://luispablo.com.br/page/3/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense. (“Pedro Nery, mais conhecido como Pedro Grafit, falou que quando lecionava na escola Reino Infantil foi vítima de preconceito por parte do então seu aluno Eduardo Braide”).
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: “Braide foi acusado de racismo por um professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em entrevista ao Blog do Neto Ferreira”.
EXCERTO <Áudio-bomba! Professor da UFMA acusa Eduardo Braide de racismo.>
EFEITOS PRODUZIDOS: () riso tolo (X) riso sério
FUNÇÃO: (X) Rotulação (X) Atitudinal

Figura 17 – Neologismo áudio-bomba

Consideramos, nesta dissertação, a palavra ‘áudio-bomba’ como um neologismo semântico, por entendermos que a palavra bomba está dando um sentido novo a unidade lexical áudio. Essa relação metafórica se dá a partir da atribuição das características semânticas da segunda palavra para primeira palavra. Por exemplo: bomba representa perigo, causa destruição. Nesse sentido, compreendemos que o áudio-bomba passar a ter também estas definições, pois ele é uma possível prova de perigo à campanha eleitoral do candidato Braide. E se fosse confirmada tal evidência, geraria, possivelmente, a destruição, ou melhor, o fim da campanha do referido candidato à prefeitura de São Luís.

A partir dessa publicação, há vários comentários dos leitores no referido *blog*, uns criticando e reforçando a chamada divulgada no *blog*, outros contestando o que foi publicado, como podemos observar em alguns comentários a seguir: (C1) “Isso não é novidade pra mim, quem não conhece o histórico da tradicional família de coronéis desse rapaz, que caia na lábia dele. Os Braide não prestam, abram os olhos de vocês enquanto é tempo.” (C2) “Fiquei com nojo agora desse homem. Pior espécie de gente! E ainda se faz de bom moço. Depois dessa não tem mais meu voto”. (C3) “Um Professor não ia se prestar a isso. Ele deu a cara a tapa e agora eu pergunto, qual a posição do senhor Braide? Vergonhoso isso!!! Perdeu meu voto”!! (C4) “Dou minha cara a TAPA se a Socorro falou ao dito professor. Muito mal contada essa história”³³.

Analisando o uso dos neologismos, sejam formais ou semânticos, passamos a compreender que o laço sociolinguístico entre os blogueiros não se dá pelo fato de usarem quase as mesmas unidades lexicais neológicas, e nem só por tratarem da mesma temática ou dos mesmos candidatos, mas por gerarem sempre efeitos avaliativos que vão interferir no estilo dos outros *blogueiros*, na sua própria comunidade de prática, pois é um grupo social e esse engajamento interfere também nas práticas estilísticas de seus participantes, o que reforça que há um laço sociolinguístico.

NEOLOGISMO: Asa de avião

³³ Trechos retirados do blogueiro Luís Pablo.

TIPO DE NEOLOGISMO: Semântico
PROCESSO SEMÂNTICO: Metafórico
CATEGORIA GRAMATICAL: Substantivo
LOCUS: Blog político maranhense
AUTOR: http://www.marrapa.com/
ÂMBITO TEMÁTICO: Política maranhense.
RATIFICAÇÃO DO ÂMBITO TEMÁTICO: (“O senador Roberto Rocha (PSB) será contemplado com uma diretoria do Banco do Nordeste em troca de voto favorável ao impeachment”).
EXCERTO (1) <“ Asa de Avião ” leiloa voto no impeachment, e pode indicar diretoria do Banco do Nordeste>; (2) < Porém, com uma oferta mais vantajosa do PMDB, é possível que o autointitulado “ Asa de Avião ”, mantenha sua posição a favor do afastamento de Dilma e alinhado com o Governo Federal nas votações do Senado.>
EFEITOS PRODUZIDOS: (<input type="checkbox"/>) riso tolo (<input checked="" type="checkbox"/>) riso sério
FUNÇÃO: (<input checked="" type="checkbox"/>) Rotulação (<input checked="" type="checkbox"/>) Atitudinal

Figura 18 – Neologismo Asa de avião

Asa de Avião é uma metáfora para Roberto Rocha. Ao usar essa relação de semelhança, os *blogueiros* estão tocando num ponto que se chama altura. Assim um avião voa tão alto quanto um governo. A asa está para avião como parte, assim como Roberto Rocha está como parte para o governo. Essa metáfora retoma uma expressão fraseológica que diz da possibilidade de voar pendurado na asinha. Não importa como, o certo é que, por isso, ele é também chamado de Roberto “Racha”, aquele que não tem posições firmes e se posiciona conforme a possibilidade de levantar voo.

Mesmo a metáfora “Asa de Avião” não sugere o mesmo voo. O avião voa nas alturas, mas a altura com que o político voa está na dimensão do poder que ele consegue alçar como parte, porque a asa sozinha não voa, despenca.

CAPÍTULO 05

Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática.
(ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p.102-103).

5 CONSEQUÊNCIAS SOCIOESTILÍSTICAS DO USO DE NEOLOGISMO NOS BLOGS POLÍTICOS MARANHENSES

Os neologismos, quando usados pelos blogueiros, exercem funções no texto. Nesta dissertação, analisamos as consequências socioestilísticas geradas a partir das funções de rotulação e atitudinal. Essas funções desencadeiam efeitos que são produzidos em dados contextos, neste caso, política maranhense, efeitos, tais como o riso tolo e o riso sério. Essas descrições possibilitaram fazer inferências sobre os efeitos do uso das unidades lexicais neológicas nos *blogs* políticos maranhenses. É este o lugar da análise.

5.1 Sobre os neologismos

Mesmo com a superação para selecionar neologismos, muitas dificuldades foram enfrentadas, porque, com a classificação dos processos de formação de palavras disponibilizada pelas gramáticas, e com os processos marginais, que já foram contemplados por alguns estudos feitos por linguistas, ainda assim encontramos casos que estavam no limiar do que consideramos unidades lexicais neológicas.

Por serem nomes de políticos, ficavam entre os hipocorísticos e os apelidos, embora preservando bases do nome próprio, o que nos dissuadia de ser apelido, porque, neste caso, não há relação com o nome. Alguns foram descartados, como, por exemplo, “Wellington sem Curso”, tendo, entretanto, trabalhado com a siglagem “W sem C”.

Outra dificuldade foi gerada pela complexidade dos processos. Eles não são assim tão estanques e, muitas vezes, ao escolher o processo, se formal ou semântico, percebemos que havia os dois, o semântico fundamentando o formal, como é o caso de “áudio-bomba”. Neste caso, trata-se de um substantivo composto em sua forma, em que dois lexemas se justapõem, mas na relação semântica há um processo de metáfora, porque a condição de bomba define um áudio que também é explosivo.

A mesma complexidade foi encontrada em candidato-banheiro para “WC” – “Wellington do Curso”: candidato está para banheiro numa relação metafórica, cuja semelhança é a própria relação metonímica com o que é próprio dos dois: banheiro está para merda da mesma forma que Wellington é um “candidato de merda”, segundo os blogueiros possivelmente simpatizantes de outros candidatos. E essa relação de semelhança entre Wellington e o banheiro se confirma na siglagem “WC” em referência ao candidato Wellington do Curso.

No caso de “geladinho”, o tratamento não pode ser o mesmo que o para “Holandinha”. Neste último caso, como se trata de um nome próprio, consideramos um hipocorístico e não um diminutivo, por um processo de derivação sufixal que poderá gerar sentido de afetividade ou sentido de pejoratividade. Já “geladinho” não se mostra pelo sufixo -inho, num processo de formação sufixal, mas por denominar um tipo de picolé que nem sempre assim se designa. Há uma metáfora entre “geladinho” e “ônibus”, porque ambos refrescam no esquentar do sol de meio dia em São Luís.

Percebemos que a descrição formal de uma palavra não é exatamente o que ela se nos apresenta. Essa análise exige um olhar mais que descritivo e quantitativo para que se compreendam as reais relações de sentido que podemos depreender dos usos.

A metáfora “Asa de Avião” não sugere o mesmo voo. O avião voa nas alturas, mas a altura com que o político voa está na dimensão do poder que ele consegue alcançar como parte, porque a asa sozinha não voa.

Já o cruzamento vocabular de Caos + Castelo (nome de um político maranhense recém-falecido) gerou “Caostelo”, neologismo de formação marginal bastante adotado pela população de São Luís.

Já os neologismos “sarneyzou”, “sarneyzista”, “sarneisista”, “sarneisismo” expressam mais que o poder de Sarney, um partido político, uma ideologia, expressam algo como ligado ao ato de render-se a “Sarneismo”: rendeu-se a uma dinastia.

Os neologismos “Roseanista” e “ex-roseanista”, parece-nos menos forte. Está mais para estar do lado de, do que ser adepto de. Mas essa interpretação vem do social, da história para o que é possível ver dela no uso e na formação de novas palavras.

“Sarnopetistas” é uma aglutinação de sarneisista com petista. Uma mistura social que se aglutina na palavra bem ao estilo dos *blogs* políticos maranhenses.

Outra complexidade encontrada está nos efeitos que advêm do contexto interativo de quem lê. Seleccionamos, para descrever os neologismos, efeitos que eles produziram: humorístico, pejorativo, irônico, crítico-construtivo e *bullying*. Resolvemos, no processo, que esses efeitos poderiam ser incorporados em apenas duas subcategorias: a do riso tolo e a do riso sério.

Inferimos também que esses efeitos podem mudar de leitor para leitor. Um neologismo que provoque o riso tolo em alguns, pode não provocar em outros. Uma ironia pode gerar riso ou ira. O neologismo Caostelo foi motivo de riso para a população, menos, provavelmente, para quem estava na mesma esfera política. Assim é o caso de Wellington do Curso ao ser chamado de WC, W sem C, Candidato-Banheiro. Entre o riso tolo e o riso sério, muda o leitor e os envolvidos, incluindo o candidato e sua família.

A comunidade de prática dos *blogueiros* conquista, por meio do uso dos neologismos, um estilo que oscila entre o riso tolo e o riso sério.

Esses *blogs* revelam heróis cheios de humor sem serem levados tão a sério. O riso é misterioso e se alterna entre a agressividade, o sarcasmo, o

amigável, tomando nuances de humor e ironia; burlesco e grotesco, numa ambivalência intraduzível. O riso tolo e o riso sério estão num limite quase que intransponível, porque eles se fundem e oscilam de um lado para outro. Os neologismos nomeiam e avaliam entre a graça e o ridículo. Daí a função de rotulação que nomeia um candidato banheiro, por exemplo, e o avalia provocando o riso tolo ou o sarcasmo.

5.2 Sobre blogs e blogueiros políticos do Maranhão

Indiscutivelmente, os *blogueiros* constituem uma comunidade de prática sob um viés socioestilístico de acirrado tom ora humorístico, ora irônico que transita entre o riso tolo e o riso sério, por causa dos frágeis posicionamentos políticos, e a ridicularização das situações que se apresentam principalmente no período eleitoral, num vale-tudo de alianças e rompimentos que redundam na anarquização das notícias e dos estilos próprios de quem escreve sobre o tema.

A comunidade de prática dos *blogueiros* tem um estilo que espelha a temática; um estilo que se esmera em criatividade porque parece que o que é visto não encontra de forma suficiente o respaldo das palavras existentes. O resultado é a criação de novas a tal ponto que possibilite ver esse uso como um laço socioestilístico que abarca a luta com as palavras, para tentar, de alguma forma, traduzir o que se vê do ridículo político.

Diante de uma visão geral, a comunidade de prática dos blogueiros que tratam da política maranhense se expressa por meio de *blogs* marcados pelo uso do neologismo. São textos que transparecem o nível dos debates políticos e espelham o ridículo dessas relações que descem ao patamar do humor, diante do que é engraçado e da pejoratividade, diante do ridículo. É nesse âmbito que resumimos as duas subcategorias de efeito para o riso tolo e o riso sério.

Como estamos considerando que o fundamento do *blog* é a comunidade de prática, porque ela é que marca o estilo dos blogs produzidos para espelhar essa realidade política do Maranhão, ao ler esses *blogs* ficamos expostos ao

riso provocado pelos neologismos. Daí caostelo, WC, W sem C, candidato-banheiro, sarneyzou, roseanista, dinista, sarnopetista.

O socioestilo dos blogueiros possibilita-nos dizer que esta comunidade de prática expressa os valores políticos por meio da potencialidade do sistema linguístico, neste caso, o Português Brasileiro. Por isso, consideramos que os neologismos criam laços sociolinguísticos entre os *blogueiros*, marcando os *blogs* com a presença de neologismos, ponto linguístico marcante da constituição de uma identidade social.

É a partir da constituição dos neologismos que os *blogs* políticos maranhenses manifestam um temperamento que oscila entre o riso tolo e o riso sério, em função da temática tratada, a política maranhense. Daí seus efeitos expressarem humor, piada, chacota, ironia, pejoratividade, depreciação que podem provocar o riso tolo e/ou o riso sério.

CAPÍTULO 06

Essas ideias nos fazem perceber que o pesquisador não chegará ao conhecimento pleno do objeto, mas a uma impressão, a um vestígio resultante da pressão sobre o objeto, alguma marca, sinal, efeito produzido, sensação diante do que foi possível separar como atitude do pesquisador, este que é indivíduo, ser social, sujeito social, sujeito de desejo que entrega seu corpo, para que a paixão lhe possibilite inventar.
(ALMEIDA, 2011, p. 57)

6 O NEOLOGISMO COMO LAÇO SOCIOLINGUÍSTICO

O processo da pesquisa possibilitou ampliar o olhar de pesquisador, avançando das descrições dos neologismos para uma leitura da prática estilística dos *blogueiros* investigados que marcam um dizer, e, conseqüentemente, a comunidade a que pertencem, pelo uso de unidades lexicais neológicas, para produzir efeitos de sentidos na sua produção dentro de um universo virtual que possibilita, por meio da linguagem, expressar, ou melhor, posicionarem-se acerca da temática política tratada no referido ambiente, *locus* desta investigação.

Reconheço que havia uma proposta de pensar os neologismos sob a perspectiva sociolinguística. E que, mesmo assim, quando eu tratava de Sociolinguística, eu falava de um forma ainda limitada, de uma forma bem abstrata, porque, no primeiro momento, eu havia pensado os neologismos e os *blogs* em uma esfera que não contemplava o uso, apenas contemplava a coleta, a descrição e análise do elemento linguístico, que, porventura, era novo ou em relação à forma, ou em relação ao sentido, mas o que havia de essencial, no caso o uso que iria gerar conseqüências sociolinguísticas, ainda não estava na minha linha de procura, para descobrir o meu objeto de investigação.

Eu pensava comunidade de fala, de uma forma imprecisa, pois tanto a ideia de comunidade de fala, como a ideia de blog, quanto a ideia de blogueiro

ainda era uma concepção muito abstrata, e muito distante de tudo aquilo que poderia ajudar a responder à pergunta da pesquisa muito maior do que aquela que foi se ajustando a uma concretude de pesquisa sobre neologismo.

No início desta investigação, algumas perguntas foram surgindo durante o processo, tais como: Quais os processos mais frequentes da construção neológica encontrados nos *blogs* maranhenses? Quais interferências mais frequentes da criação neológica encontradas nos *blogs* maranhenses? Há determinações sociais sinalizadas nos processos sistemáticos mais frequentes da construção neológica dos *blogs* políticos maranhenses? Há relação entre os processos de formação dos neologismos presentes nos *blogs* e o nível de linguagem próprio desta comunidade de fala? É possível afirmar que o uso dos neologismos e os blogueiros como comunidade possuem efetivamente uma relação?

Para materializar, para dar mais concretude à análise, foi necessário rever o conceito de comunidade de fala, que é um conceito ainda bastante abstrato e amplo para poder chegar a uma especificidade, a uma delimitação maior dos *blogueiros* como comunidade de prática.

Dessa forma, ao avançar nas leituras teóricas e nas leituras dos *blogs*, em que se encontrava o objeto da referida pesquisa, as variadas perguntas já mencionadas foram se ajustando e agregando a uma única pergunta, que é a pergunta central desta investigação - o uso dos neologismos pelos blogueiros que tratam de política maranhense é marca de estilo de uma comunidade de prática?

Quando li as concepções de Eckert (2012) sobre comunidade de prática, percebi que existe uma possibilidade de tratar o estilo dos *blogueiros* na perspectiva da Sociolinguística, como aquilo que cada falante diz e que é regular entre os falantes de um grupo, não invalidando aquilo que o falante diz e os outros do grupo não dizem, porque a identidade social do falante é heterogênea, marca a sua comunidade, isto é, por meio do uso quer seja do neologismo, objeto estudado nesta dissertação, quer seja de outro elemento linguístico que é também comum ao uso de outros participantes desse grupo social, torna-se um critério para pertencer a uma determinada comunidade de

prática. Assim, compreendemos que são essas práticas que legitimam o indivíduo como integrante da comunidade em que está inserido.

Desse modo, fiz a leitura do objeto por uma outra lupa, por outra perspectiva não mais descritiva e abstrata, mas analítica e concreta, por um viés sociolinguístico que contemplava o objeto que eu estava tentando perceber e não o percebia em sua concepção plena. Assim, pude delimitar melhor os traços da minha pesquisa que me proporcionou chegar a estas considerações finais com a ideia de que a descrição linguística em si é limitada e só com uma visão de um traço linguístico comparado com o mesmo traço entre os falantes, seria possível entrar em uma questão do laço sociolinguístico que possa marcar, por sua vez, a identidade social de um determinado grupo.

Esse novo olhar teórico e analítico me proporcionou diversas mudanças, ajustes e avanços na referida pesquisa de mestrado. Como, por exemplo, o próprio título da pesquisa que foi avançando para responder a uma pergunta que iniciou de uma forma aberta, abstrata, e que foi se afunilando, ao mesmo tempo em que foi encontrando uma justificativa muito mais plausível para uma pesquisa sobre o uso dos neologismos pelos *blogueiros*.

Assim, a pesquisa foi redirecionada não mais em uma linha que tendia a descrever o neologismo a partir da morfologia, ou a partir da semântica, mas se direcionou para ver como o sentimento de novidade pode marcar estilisticamente um grupo social, no caso, os *blogueiros*.

Então, ao chegar no final desta investigação, na condição de um pesquisador, e realmente, neste programa de mestrado, pude exercitar um olhar reflexivo e investigativo que foi sendo construído durante o processo e nas leituras, tanto as linguísticas, quanto as literárias, quanto as sociológicas, quanto as políticas de todo o universo de textos publicados nos *blogs* políticos, diante dos quais a própria pesquisa me abriu novos horizontes.

Neste ponto, realmente posso afirmar que o neologismo se constitui de um sentimento de novidade, ele se confirma por meio de um *corpus* de exclusão, e ele também se seleciona por um *corpus* de extração e esse *corpus* de extração se materializa por meio do uso.

Assim, a marca linguística, no caso desta investigação, o neologismo, não aparece aleatoriamente, por uma questão de estilo individual, mas ele

marca uma perspectiva sociolinguística do estilo da comunidade de prática dos *blogueiros*.

Portanto, de uma forma mais objetiva, chegamos à seguinte resposta: o neologismo é uma marca linguística que existe na comunidade dos *blogueiros*, mas que não prescinde de outras, porque cada blogueiro tem uma identidade social que é heterogênea e que traz a diversidade também para essa comunidade de prática. Entretanto, o que interessou para responder à pergunta central desta investigação foi exatamente o uso do neologismo, porque compreendemos e defendemos, nesta investigação, que ele é uma das marcas linguísticas que se repete entre os *blogueiros* no seu uso e se repete criando um laço social que identifica os *blogs* políticos maranhenses e os *blogueiros* que escrevem sobre política por meio de *blogs* como uma comunidade de prática que se inscreve por meio da língua cujo traços promovem uma identidade não só linguística, mas social.

Posto isso, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para os estudos sociolinguísticos, para as pesquisas no campo da lexicologia, também possa contribuir para as investigações sobre *blogs*, mesmo que não os políticos, e para a incorporação dessa possibilidade de que as palavras, quer sejam neológicas ou não, tendem a marcar socialmente o estilo de uma comunidade. E que essa visão universal possa estar materializada pelo neologismo, como um exemplo de possibilidade, que não é só do neologismo, mas é de todas as palavras, que, em seu uso, expressem uma marca estilística de um grupo social ou dos mais diversos grupos sociais que existem em uma dada realidade.

Reconhecemos, ainda, que sem essa visão sociolinguística, só com a visão linguística, a pesquisa teria um olhar limitado, isto é, fechado, sobre um elemento linguístico que retrata o movimento da língua como um sistema que se abre e se amplia.

Dessa forma, a Sociolinguística nos possibilitou reconhecer o laço sociolinguístico que há entre os *blogueiros* que tratam de política. Isso foi possível, não só porque contemplamos o uso do neologismo, mas porque todas as práticas foram consideradas, desde o jogo de infinitas possibilidades por meio da potencialidade da língua que gera a produtividade dos usos e que

possibilita também criar novas palavras que marcam o estilo, não só de uma pessoa, mas marca o estilo de um grupo social nesta pessoa por meio de um determinado uso até os efeitos produzidos a partir dele.

Para fecharmos as nossas discussões acerca das ponderações feitas nesta pesquisa, estamos certos de que existe uma correlação entre o que o *blogueiro* diz, sobre qual temática diz, com que estilo diz e convictos também de que esse estilo se configura pela presença do neologismo. Ou seja, sabemos agora que há o que um *blogueiro* diz e os outros também dizem, e que um estilo individual está atravessado por características similares de outros estilos de *blogueiros*. Este fato linguístico provoca uma unidade estilística suficiente para que haja laço entre os *blogueiros*, uma comunidade de prática.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Milagrário pessoal: apologia das varandas, dos quintais e da língua portuguesa, seguida de uma breve refutação de morte*. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2010.

ALMEIDA, SONIA. *Escrita no ensino superior: a singularidade em monografias, dissertações e teses*. São Paulo: Editora Paulistana, 2011 (Coleção Sobrescrita).

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais no português contemporâneo. 2000. 640 f. Tese de livre-docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Uma metodologia para a descrição de neologismos. In: GONÇALVES, A. V. GÓIS, M. L. S. (orgs.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2012, p.179-195.

_____. Neologia e tecnoletos. IN: ISQUERDO, Aparecida; OLIVEIRA, Ana Maria (orgs.). *As ciências do léxico*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2001.

ARONOFF, M. *Word formation in generative Grammar*. Cambridge: The Mit Pres, 1976.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. Da neologia à neologia na literatura. In: ISQUERDO, Aparecida; OLIVEIRA, Ana Maria (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. Ed. Campo Grande: MS, Ed. UFMS, 2001.

BARTON, David; LEE, Carmen. Tradução Milton Camargo Mota. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 3 ed., São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. 3 ed., São Paulo: Contexto, 2013.

_____. O papel da metonímia em processos de formação de palavra: Um estudo dos verbos denominais em português. In: *Revista da ABRALIN*, V. 6, n. 2, p.9-21. Jul/dez., 2007.

BAUER, L. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. ALFA: *Revista de Linguística*, v. 40, 1996

_____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Conceito linguístico de palavra. In.: BASÍLIO, Margarida (org.). *Palavra 5*. Série Linguagem. Vol temático I. PUC/RJ. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BLOOMFIELD, L. A. *set of postulates for the science of language*. *Language*, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.

BOULANGER, J-C. *Néologie et terminologie*. *Néologie em Marche*, vol. 4, p. 5-128. Serie b: langues de spécialités. 1979.

BUENO, Francisco de Silveira. *Tratado de Semântica Brasileira*. 4. e d., São Paulo, Saraiva, 1965.

CABRÉ, M.Teresa. "A neoloxía, inevitable e necesaria para lãs linguas". IN: Alvarez de La Granja, María e González Seoane, Ernesto Xosé (ed.) *Estandarización do léxico*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, p.8-31, 2003.

_____. *La terminologia*. Teoria, meotodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANO, Waldenice Moreira. Tentativa de caracterização do neologismo: alguns critérios. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria (orgs.). *As ciências do léxico*. Vol. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *DELTA*, São Paulo, v.26, n.1, p.141-162, 2010.

CARVALHO, Nelly Medeiros. Ato e fato social e linguístico: neologismo. In: DA SILVA, José Pereira (org.). *Neologia e neologismos no Brasil – século XXI*. 2 ed., Curitiba: Primas, 2012a.

_____. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. (org.). *Criação neológica: teoria e prática*. 1 ed., Curitiba: Appris, 2012b.

_____. *O que é neologismo?* 1 ed., Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

_____. Neologismo, informação e criatividade. In: AZEREDO, José Carlos. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CEREJA, Willian; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. *Português: linguagens*. 8ª. Série. São Paulo: Atual, 2000.

COELHO, A. *Questões de língua portuguesa*. I Parte: Porto: E. Chardron, 1874.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Neologia e terminologia. IN: *TERMINOLOGIA: questões teóricas, métodos e projeto*. Lisboa: publicações Europa-América, p. 59-74, 1998.

_____. LEMOS, Lúcia San Payo. *Inovação lexical em português*. Cadernos de língua portuguesa 4, 2ª tiragem, 2009.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

_____. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (orgs.). *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

_____. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006.

_____. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia. *Língua portuguesa, educação & mudança*. São Paulo: Europa, 2008.

FILIPACK, F., 1984. *Teoria da metáfora*. Curitiba." Livros HBV.

GANANÇA, J.H. L. *Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas em blogs da internet*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

GUILBERT, Louis. *La Créativité Léxicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: *Abralin*, 2001.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. (org.). *Processos "Marginais" de formação de palavras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016b.

_____. *Flexão e derivação em português*. 1 ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

ISQUERDO, Aparecida; OLIVEIRA, Ana Maria (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed., Campo Grande: MS, Ed. UFMS, 2001.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LAGE, Hayla Thami. Hipocorização. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (Org.). *Processos “marginais” de formação de palavras*. Caminas, SP: Pontes Editores, 2016.

LIMA, Bruno Cavalcanti. Siglagem. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (Org.). *Processos “marginais” de formação de palavras*. Caminas, SP: Pontes Editores, 2016.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Domaine français. Paris: Didier, 1953.

MORALES, Humberto López. *Sociolingüística*. 4 ed., Madrid: Editora Gredos, 2004.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora, UNESPE, 2003.

OLIVEIRA, M. R. *Interações na blogosfera*. SHEPHERD, T. G. & SALIÉS, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, p. 157-159, 2013.

PILLA, Éda Heloisa. *Os neologismos do português e a face social da língua*. Porto Alegre, RS: AGE, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REY, Alain. (1976). “*Néologisme: un pseudoconcept?*”, *Cahiers de Lexicologie*, nº 28, pp. 3-17.

RIBEIRO, Simone Nejaim. *O léxico em movimento: comentários sobre neologia e neologismos*. In: DA SILVA, José Pereira (org.). *Neologia e neologismos no Brasil – século XXI*. 2 ed., Curitiba: Primas, 2012.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

ROMERO, Silvana Cristina. *Léxico e sociedade: um estudo sociolinguístico sobre os neologismos em blogs de política durante o segundo turno eleitoral de 2014*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdades de letras, 2017.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 6 ed., São Paulo: Contexto, 2011.

SABLAYROLLES, J. F. (1996). “*Néologisme et nouveauté(s)*”, Cahiers de Lexicologie, nº 69, pp. 5-42.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical*. São Paulo: Editora da UFPR, 1991.

_____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, [1929] 1969 p. 43-62.

SILVEIRA BUENO, F. *Tratado de semântica geral*. São Paulo: Saraiva, 1951.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2 ed., São Paulo: Ed. Ática, 1986.

VANIN, Aline Aver, Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’, *Acta Scientiarum Language and Culture*, Maringá, v.31. n.2, p. 147-153, 2009.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WANDERLEY, R. de K. K. *Neologia lexical no jornalismo político: as eleições de 2010*. Recife: O autor, 2012. (Dissertação).

DICIONÁRIOS DIGITAIS E ENDEREÇOS DE BLOGS

Novo Dicionário Aurélio (versão eletrônica).

Dicionário Houaiss (versão eletrônica).

Dicionário Michaelis (versão digital). Disponível em: www.michaelis.uol.com.br

<http://www.luispablo.com.br/>

<http://www.marrapa.com/>

<http://jornalpequeno.blog.com/johncutrim/>

<http://silviatereza.com.br/>

ANEXOS



ANEXO 1 – Blog Marrapá



ANEXO 2 – Blog Luís Pablo



ANEXO 3 – Blog John Cutrim



ANEXO 3 – Blog Sílvia Tereza